



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

VIVIANE GUIMARÃES

O ESPETÁCULO NARDONI:

Análise chárstica sobre a atuação da imprensa brasileira
no Caso Isabella Nardoni

VIVIANE GUIMARÃES

O ESPETÁCULO NARDONI:

Análise chárstica sobre a atuação da imprensa brasileira
no Caso Isabella Nardoni

Dissertação apresentada junto ao Programa de
Mestrado em Comunicação da Universidade
Estadual de Londrina, como requisito parcial
para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Guimarães, Viviane.

O Espetáculo Nardoni : Análise chárstica sobre a atuação da imprensa brasileira no Caso Isabella Nardoni / Viviane Guimarães. - Londrina, 2019.
107 f. : il.

Orientador: Rozinaldo Antonio Miani.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Caso Isabella Nardoni - Tese. 2. Sociedade do espetáculo - Tese. 3. Imprensa brasileira - Tese. 4. Charge - Tese. I. Antonio Miani, Rozinaldo . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.



Universidade
Estadual de Londrina



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Viviane Guimarães

Título: "O ESPETÁCULO NARDONI: ANÁLISE CHÁRGICA SOBRE A ATUAÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA NO CASO ISABELLA NARDONI"

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani (Orientador)
UEL/CECA-NIC

Prof. Dr. Paulo Negri Filho
UEM

Prof. Dr. Alberto Carlos Augusto Klein
UEL/CECA-NIC

Londrina, 22 de abril de 2019.

Dedico este trabalho aos meus pais,
Roberto e Nivia, que me deram todo o
suporte necessário para que eu pudesse
completar essa etapa.

Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, que me apoiou nesse projeto, acreditando em mim, até mais do que eu mesma.

Agradeço também ao meu orientador, professor Rozinaldo Antonio Miani, não só pela constante orientação neste trabalho, mas pela confiança e paciência.

Aos demais professores que me auxiliaram neste processo, ajudando-me a construir a base de conhecimento necessária para a construção dessa pesquisa.

Aos amigos de turma, que deixaram essa passagem um pouco mais leve e divertida. Agradeço, em especial, às queridas Thiara e Juliana, pelas caronas e pousos, além das boas conversas e desabafos.

Enfim, agradeço a todos aqueles que me ajudaram, direta ou indiretamente, nessa caminhada, fazendo desse mestrado um projeto possível.

CALVIN E HAROLDO

BY BILL WATTERSON



GUIMARÃES, Viviane. **O espetáculo Nardoni**: análise ch\u00e1rgica sobre a atua\u00e7\u00e3o da imprensa brasileira no Caso Isabella Nardoni. 2019. 105 f. Disserta\u00e7\u00e3o (Mestrado em Comunica\u00e7\u00e3o) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

O assassinato de Isabella Nardoni, em mar\u00e7o de 2008, ficou marcado como um dos casos mais sensacionalistas da hist\u00f3ria da imprensa brasileira. Diversos meios de comunica\u00e7\u00e3o exploraram de forma desmedida a imagem da menina e de sua fam\u00edlia, construindo uma narrativa tendenciosa e fantasiosa, afetando a forma pela qual a sociedade enxergava o caso. Devido a esse fato, muitas charges foram produzidas retratando cr\u00edticas sobre a forma como a m\u00eddia brasileira conduziu as informa\u00e7\u00f5es do crime, indicando a espetaculariza\u00e7\u00e3o e o exagero de repeti\u00e7\u00f5es de reportagens sobre a fam\u00edlia Nardoni. Nesse sentido, esse estudo possui o objetivo de analisar as charges referentes \u00e0s cr\u00edticas sobre a atua\u00e7\u00e3o da m\u00eddia no assassinato de Isabella Nardoni, apontando de que forma a imprensa brasileira abordou e conduziu o caso. Como aporte te\u00f3rico, seguiu-se, principalmente, os estudos sobre a sociedade do espet\u00e1culo, cujo precursor foi o te\u00f3rico Guy Debord (2004) e os estudos sobre m\u00eddia e jornalismo de Jos\u00e9 Aberx Jr. (2001) e Danilo Angrimani Sobrinho (1995) considerando, portanto, como o espet\u00e1culo vem influenciando a nossa sociedade. Ao final, pudemos concluir que as charges cumpriram seu papel ao representar a imprensa tal qual o pensamento social da \u00e9poca e que elas conseguiram captar e traduzir em imagens aquilo que a popula\u00e7\u00e3o pensava sobre o Caso Isabella Nardoni e em rela\u00e7\u00e3o \u00e0 imprensa brasileira.

Palavras-chave: Caso Isabella Nardoni. Sociedade do espet\u00e1culo. Sensacionalismo. Imprensa brasileira. Charge.

GUIMARÃES, Viviane. **Nardoni's Show**: Editorial cartoon analysis of the brazilian press in the Isabella Nardoni Case. 2019. 105 fls. Dissertation (Master's Degree in Communication) - State University of Londrina, Londrina, 2019.

ABSTRACT

The murder of Isabella Nardoni in march 2008 was marked as one of the most sensational cases in the history of the brazilian press. Several media explored the image of the girl and her family in an unreasonable way, constructing a biased and fanciful narrative, affecting the way in which society saw the case. Because of this fact, many editorial cartoons were produced depicting criticism about the way the brazilian media conducted the crime information, indicating the spectacularization and exaggeration of repetitions of reports about the Nardoni family. In this sense, this study has the objective of analyzing the editorial cartoons referring to the criticisms about the media's actions in the murder of Isabella Nardoni, pointing out how the brazilian press approached and conducted the case. As a theoretical contribution, the study of the society of the show was followed, whose precursor was the theorist Guy Debord (2004) and the studies on media and journalism of José Aberx Jr (2001) and Danilo Angrimani Sobrinho (1995) considering, therefore, how the show has influenced our society. In the end, we could conclude that the editorial cartoons fulfilled their role in representing the press as the social thought of the time and that they managed to capture and translate into images what the population thought about the Isabella Nardoni Case and the brazilian press.

Palavras-chave: Isabella Nardoni Case. Society of the spectacle. Sensacionalism. Brazilian press. Editorial cartoon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	22
Figura 2	34
Figura 3	38
Figura 4	50
Figura 5	52
Figura 6	53
Figura 7	62
Figura 8	64
Figura 9	73
Figura 10	75
Figura 11	77
Figura 12	78
Figura 13	80
Figura 14	81
Figura 15	84
Figura 16	86
Figura 17	89
Figura 18	90
Figura 19	92
Figura 20	94
Figura 21	96
Figura 22	97
Figura 23	99

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BBB	Big Brother Brasil
Copom	Centro de Operações da Polícia Militar
Daco	Diretório Acadêmico de Comunicação Social da UFF
MP	Ministério Público
ONG	Organizações não governamentais
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
PIG	Partido da Imprensa Golpista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O MUNDO É UM ESPETÁCULO: A TRAGÉDIA É SENSACIONAL	16
21	A TRAGÉDIA E O SHOW	27
2.2	AGENDA SETTING: O QUE MERECE SER MOSTRADO	33
2.3	TEM SANGUE NO JORNAL: O SENSACIONALISMO	38
3	O CASO ISABELLA NARDONI	46
3.1	ISABELA: SANGUE E CIRCO	50
4	AS CHARGES DO SHOW NARDONI	66
4.1	CHARGE: UMA FERRAMENTA DE EXPRESSÃO E DENÚNCIA	67
4.2	NARDONI E AS CHARGES	71
4.2.1	Entre o reality e a ficção	72
4.2.2	Repete que tá pouco	83
4.2.3	Ninguém aguenta mais	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
	REFERÊNCIAS	103

1. INTRODUÇÃO

Isabella de Oliveira Nardoni, cinco anos, nascida em 18 de abril de 2002, filha de Ana Carolina Oliveira e Alexandre Alves Nardoni. Assim como tantas outras, Isabella era filha de pais separados; morava com a mãe e visitava o pai aos finais de semana. O pai, Alexandre Nardoni, também era pai de outras duas crianças, frutos de um novo relacionamento com Anna Carolina Trota Peixoto Jatobá. Isabella era apenas uma criança, porém, a sua história ganharia enredos dignos de uma novela.

No dia 29 de março de 2008, Isabella e a família Nardoni se tornariam conhecidos em todo o Brasil: a menina morreu após uma queda do prédio onde o pai morava. As circunstâncias que levaram à morte da menina foram lentamente sendo apresentadas e a sociedade passou a acompanhar sua história como acompanhava as novelas *Laços de Família* ou *Anjo Mau*. Porém, agora a novela tinha personagens reais e consequências reais.

Na imprensa, milhares de reportagens sobre o caso surgiam a todo o momento. Várias delas indicavam que não havia sinais de arrombamento e nem de entrada de terceiros no apartamento da família Nardoni. Naquele instante, todos já desconfiavam da madrasta e do pai - afinal, em histórias novelísticas, a madrasta, assim como o mordomo, são geralmente os culpados. Pronto! Uma trama cheia de surpresas, perfeita para uma novela em horário nobre! Estreava “O Caso Nardoni”.

Isabella Nardoni virou vítima de sua própria história. Alexandre Nardoni e Anna Jatobá tornaram-se os antagonistas da trama e o público se dividiu entre o bem e o mal, torcendo de forma fervorosa para que a mocinha tivesse justiça. No entanto, nesse caso, a mocinha já estava morta e não haveria um “felizes para sempre” no final. Toda essa tragédia, contudo, não impediu que o público e que, principalmente, a mídia, explorassem Isabella e os enredos de seu assassinato. A morte de uma criança de cinco anos transformou-se em um show.

Imprensa e público se uniram contra o pai e a madrasta e decretaram seu julgamento antes mesmo dos tribunais. “Foram eles”, estampava a capa da revista *Veja*. E a população, de fato, passou a acreditar que foram eles. Em outra revista, a mãe de Isabella era “sabatada” por causa da roupa que escolheu para o funeral. “Será que ela sabia? Estava toda maquiada! Como pode uma mãe que perdeu uma filha estar maquiada?” E assim, julgou-se novamente sem ter provas.

Ainda hoje, após uma década da morte de Isabella Nardoni, difícil aquele que

não reconhece seu nome ou sua história: “A menina Isabella? Aquela que foi jogada da janela pelo pai? Ah sim! Lembro-me, claro!” Passou-se então a banalizar sua história; Isabella Nardoni virou a menina que foi jogada pela janela. Isabella não era mais uma criança de cinco anos, a mais velha de três irmãos, filha, neta, sobrinha. Ela era uma história que, por ter sido tantas vezes contada, ficou no nosso imaginário como uma personagem de uma novela.

Considerando, portanto, a história do assassinato de Isabella Nardoni, o presente trabalho tem por finalidade responder o seguinte questionamento: Como as charges do Caso Isabella Nardoni reproduziram a atuação da mídia sobre o respectivo fato? A partir dessa problemática, pretendemos verificar a forma como a imprensa atuou sobre o caso do assassinato de Isabella Nardoni.

A decisão por utilizar as charges como objeto de análise foi devido à sua capacidade de expressar de maneira crítica e lúdica as ideias e opiniões da sociedade. Conforme apontado por Luiz Guilherme Sodré Teixeira (2005), essas produções são uma “arma de grosso calibre a favor da opinião pública”. Além disso, elas trazem uma memória histórica, apresentando a opinião pública do momento em que a charge foi produzida. Assim sendo, encontrou-se nas charges um aporte para ancorar os estudos, pois elas mostram o pensamento social sobre a abordagem da mídia no caso Nardoni.

A análise incidirá sobre quinze charges referentes ao Caso Isabella Nardoni, extraídas da internet e produzidas por diferentes artistas e em momentos diferentes - abrangendo o período entre 29 de março de 2008 (data do assassinato) e 27 de março de 2010 (data do anúncio da sentença). Para organizar as análises, separamos as charges em três categorias: na primeira categoria trazemos as charges que explanam sobre a forma como a mídia transformou o assassinato de Isabella Nardoni em uma fonte de entretenimento, sendo por vezes comparada a um *reality show* ou a uma obra de ficção, como uma novela; a segunda categoria apresenta charges que criticam a forma exagerada de exposição do caso pelas mídias, voltadas que estavam pela busca de audiência; por fim, na terceira e última categoria, apresentamos as charges que mostram como a forma exagerada passou a funcionar de forma contrária à esperada, causando repulsa nos telespectadores que não aguentavam mais ouvir notícias e reportagens sobre o caso.

Para compreender o fenômeno que levou um assassinato a se transformar em “novela”, buscamos resgatar os estudos sobre a sociedade do espetáculo,

obtendo assim a base necessária para compreender como nossa sociedade vem lidando com as relações de consumo. Para tanto, no primeiro capítulo, desenvolveremos uma breve reflexão a respeito da sociedade do espetáculo, conforme descrita por Guy Debord (2004). O referido autor, em meados do século XX, já vislumbrava uma sociedade pautada na imagem, no consumo e, assim, no espetáculo.

Nesse percurso, contaremos ainda com as contribuições de outros autores contemporâneos, como José Arbex Jr., com sua obra *Showrnlismo: a notícia como espetáculo* (2001) e Mário Vargas Llosa em *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura* (2013), visando compreender como a sociedade atual vem incorporando o espetáculo e refletindo isso em suas ações. O ponto de partida é considerar que o espetáculo se tornou mais do que um aglomerado de imagens, mas sim a forma pela qual nos relacionamos com o mundo e com outros. A sociedade do espetáculo é um modo de vida, organizando todas as relações sociais, baseando-a no consumo. Hoje em dia consumimos coisas, ideias e pessoas; já não existe mais o que é público e o que é privado. O cotidiano alheio está sendo exibido como mercadoria e o público está pronto para consumi-la.

A partir de então, traçaremos um paralelo de como a tragédia vem se tornando um dos elementos mais requisitados na sociedade do espetáculo. Não é de hoje que o sofrimento alheio é explorado como um show. Desde a época dos gladiadores, as mortes eram sinônimo de festa e de espetáculo. Suas lutas eram encenadas em grandes arenas e presenciadas por centenas ou milhares de pessoas. A cada golpe, o povo aclamava como em uma festa. A morte de alguém era festejada e assistida por todos. Posteriormente, as execuções exibidas em praça pública também eram construídas para serem consumidas como espetáculos. A exposição do condenado por meio de um desfile mórbido era glorificada por todos os presentes que desejavam assistir ao show e não saíam até que o golpe final fosse dado.

Para encerrar este capítulo, apresentaremos uma breve reflexão sobre o sensacionalismo, por compreender que o episódio a ser analisado foi permeado por essa condição. Com base em teóricos como Danilo Angrimani Sobrinho, em sua obra *Espreme que sai sangue* (1995), e Rosa Nívea Pedroso, em *A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista* (2001), delinearemos algumas características dessa forma de abordagem jornalística.

No capítulo seguinte, o foco principal será apresentar as informações referentes ao Caso Isabella Nardoni. Iniciaremos com uma retrospectiva do referido caso, apontando dados importantes sobre o fato, assim como sua repercussão na mídia. Alguns exemplos de como o assassinato de Isabella foi abordado pelos canais de televisão abertas, jornais e revistas também serão apresentados nesse capítulo.

Para concluir o trabalho, apresentaremos no último capítulo um estudo sobre as principais características da charge, bem como sua função social para, em seguida, apresentarmos e analisarmos as charges que serão organizadas, como apontado anteriormente, em três categorias.

Com esse trabalho, esperamos realizar uma reflexão de como a sociedade do espetáculo vem interferindo no modo pelo qual atuamos socialmente e como a mídia, por meio de suas representações visuais, retratam essa interferência diante de situações reais. Esperamos, ainda, que este estudo possa trazer uma reflexão sobre a espetacularização de casos trágicos, como o de Isabella Nardoni, para que possamos compreender como atua a mídia brasileira e se sua atuação corresponde ao que se espera em termos éticos e políticos à sua função social.

2. O MUNDO É UM ESPETÁCULO: A TRAGÉDIA É SENSACIONAL

Desde a Revolução Industrial, ocorrida entre os séculos XVIII e XIX, a sociedade que vivemos vem sofrendo alterações com uma velocidade assustadora. As máquinas ganharam espaço e, conseqüentemente, a sociedade foi se moldando a partir de novas formas de produção. Com o advento das tecnologias, o mundo pós-revolução industrial se tornou um local dominado pela produção de bens de consumo, pelo avanço tecnológico e pelo controle do tempo. Desde então, o poder se concentra nas mãos daqueles que conseguem dominar esses três elementos, colocando-os em seu favor. Nossa sociedade é pautada pelo trabalho, porém o lucro da produção não é destinado a quem de fato produziu, mas sim a quem detém os meios de produção. Essa divisão de posse e de lucros por um lado e a exploração por outro lado gera a divisão da sociedade em classes, como ocorre na sociedade capitalista. Esse fenômeno já foi em grande parte desvendado pelos estudos do pensador alemão Karl Marx.

Nessa sociedade, o aumento e o acúmulo de rendas é o que coordena o mercado. O que se visa é o aumento de produção para o aumento de faturamento e de lucros. E assim, a sociedade passou a dar mais atenção aos objetos e ao seu respectivo consumo. O escritor Guy Debord, em sua obra *Sociedade do Espetáculo* (2004), cuja primeira versão foi escrita em 1967, realiza uma crítica acerca do modelo capitalista de sociedade e a relação que esta possui com o consumo, criando assim a sociedade baseada no espetáculo. Segundo o autor, “o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social” (DEBORD, 2004, p.30). Vale ressaltar que seus estudos foram produzidos há mais de cinquenta anos, época em que a televisão ainda era uma novidade e, portanto, a relação entre sociedade, tecnologia e espetáculo era diferente da atual.

Para o autor, devido à veneração pela produção e pelas imagens, passamos a viver em um modelo de vida social dominado pelo espetáculo. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 2004, p.14). Ou seja, o autor afirma que o espetáculo se tornou a forma pela qual nos relacionamos com os outros e com o mundo. Essa espetacularização da sociedade reflete, então, em todos os âmbitos sociais; as sociedades, cujas condições de produções predominam, se mostram como uma grande acumulação de espetáculos, onde tudo se torna representação.

Com isso, o mundo espetacular se enraizou para todas as camadas da sociedade, passando a ser um modelo de vida social. Conforme exposto por José Arbex Jr. (2001), com o avanço das tecnologias em produções de mídia, houve uma aceleração das produções de conteúdo. O jornal também precisou se adaptar ao mercado, pois “quanto mais rapidamente um jornal era impresso, e quanto maior o seu alcance, maior a sua importância para os interesses econômicos privados que o sustentavam” (ARBEX JR., 2001, p.58). Nesse contexto, a publicidade e o *marketing* passaram a pautar os modelos jornalísticos.

Esse pensamento é ainda anterior aos estudos de Debord, iniciado por meio dos estudos de Theodor Adorno e Max Horkheimer em *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (1985), que cunharam o termo indústria cultural para designar o novo modelo cultural da sociedade capitalista baseada em consumo e lucros. Segundo os autores,

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda a dúvida quanto à necessidade social de seus produtos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.114).

Baseando-se nessa obra clássica, Maria Rita Kehl afirma que a tradução da vida em imagens foi se aperfeiçoando até que pudesse abranger todas as relações sociais, e assim, a televisão tornou-se a “mais espetacular tradução da indústria cultural” (KEHL, 2015, p.1). Com a chegada da televisão e seu espaço sendo ocupado no cotidiano das pessoas, a distribuição e consolidação do modelo social baseado no espetáculo tornaram-se ainda mais fáceis. Assim, o espetáculo passou a também influenciar culturalmente a nossa sociedade.

Atualmente, o fenômeno da espetacularização está mais visível por meio da internet, com a popularização das redes sociais. Os sites especializados em distribuição e compartilhamento de imagens, como o *Facebook* e o *Instagram*, estão cada vez mais populares. Essas redes sociais têm em comum a produção de conteúdo por meio dos próprios usuários, ou seja, é o próprio público o criador e o consumidor dessas imagens, o que vem atraindo cada vez mais pessoas que desejam expor suas imagens e, conseqüentemente, suas vidas na internet.

De acordo com Mário Vargas Llosa, em seus estudos sobre a cultura em tempos de sociedade do espetáculo, o Mercado se aproveitou de toda essa exposição gratuita e tornou-a uma fonte de renda e de consumo, pois “o único valor existente agora é o fixado pelo mercado” (LLOSA, 2013, p.19). Nesse contexto, uma nova geração de celebridades começou a ganhar espaço e uma nova profissão chegou ao mercado de trabalho: trata-se dos *digital influencers*. Como seu próprio nome aponta, os influenciadores digitais são pessoas que exercem uma influência sobre um determinado grupo e ganham dinheiro por meio das visualizações que recebem em suas imagens, exibindo fotos e vídeos na internet. Esses influenciadores são patrocinados por diferentes marcas apenas para exporem o seu cotidiano utilizando o produto dessas empresas. Dessa forma, esses jovens passam a expor a sua vida privada em troca de “likes” e lucros. Esse comportamento pode ser caracterizado como uma consequência da sociedade do espetáculo, já que, conforme observado por Llosa (2013), a vida privada dos indivíduos deixa de existir em nome do entretenimento.

Há alguns anos, a ideia de ganhar dinheiro apenas “postando” o seu dia-a-dia na internet era inconcebível para muitos. Ainda hoje, essa nova geração de celebridades e empreendedores é desconhecida por alguns. Grande parte da população acima dos 60 anos ainda não reconhecem os *digital influencers* como uma profissão; aliás, a maioria não sabe nem o significado desse termo. Porém, trata-se de uma realidade promissora, em que muitos jovens - alguns, inclusive, menores de dezoito anos - já fazem fortunas divulgando produtos pela internet.

Esse é o caso da blogueira Gabriela Pugliesi que possui mais de dois milhões de seguidores na rede social *Instagram*, onde expõe a sua vida e a sua rotina de exercícios físicos e de alimentação. Segundo Samir Magoya de Medeiros Santos, Pablo Petterson Praxedes da Silva e Joseylson Fagner dos Santos (2016), com a popularidade que foi ganhando aos poucos, Pugliesi se tornou uma influenciadora *fitness*. O público acredita que a blogueira possui conhecimentos sobre tal assunto e que, portanto, a sua opinião sobre questões relacionadas ao mundo da academia e das atividades físicas é relevante. Diante disso, Pugliesi passou a ser disputada por várias empresas do ramo como “garota propaganda” para divulgação de seus respectivos produtos.

No perfil da *digital influencer* Gabriela Pugliesi, a mesma utiliza constantemente de discursos de fácil acesso ao consumidor para divulgar produtos e marcas, sinalizando através de hashtags para que seu público atente-se que a postagem trata-se de um anúncio publicitário (SANTOS; SILVA; SANTOS, 2016, p.13).

Ou seja, percebemos que, com a exposição, pessoas que antes eram anônimas, acabam conseguindo fama e, conseqüentemente, dinheiro, apenas exibindo suas vidas na internet. Com essa nova tendência das *webcelebridades*, ter grande número de seguidores em uma determinada rede social significa ter mais notoriedade e, conseqüentemente, mais influência sobre um grupo. Portanto, os *digital influencers* são aferidos não por suas habilidades, mas sim pelo número de pessoas que é capaz de influenciar. Toda essa mudança da sociedade é um reflexo da sociedade do espetáculo, pois, conforme exposto por Arbex Jr., “o ‘efeito de mercado’ contamina os mais distintos campos de produção cultural [...], já que, para adquirirem visibilidade na mídia, devem provar-se sedutores e ‘vendáveis’ como ‘produto’” (ARBEX JR., 2001, p.97). O autor ressalta, ainda, que o mercado coordena diversos campos da sociedade, pois hoje em dia a sociedade precisa “comprar”, seja um produto, uma ideia, uma notícia ou, até mesmo, uma pessoa. E assim, os *digital influencers* se apresentam como sendo “vendáveis”, pois a sua imagem é capaz de influenciar o comportamento de outras pessoas, moldando padrões e estilos de vida.

A pesquisadora argentina Paula Sibilia, em sua obra *O Show do eu: a intimidade como espetáculo* (2008), afirma que essa exposição do cotidiano dos indivíduos é uma nova vertente semelhante às autobiografias; porém, se antes os alvos eram figuras ilustres, hoje o foco se voltou para pessoas “normais”. Sibilia reforça que esse fenômeno da exposição da intimidade é um reflexo da nossa sociedade. “O eu e a vida, sempre fluídas e dificilmente apreensíveis, embora cada vez mais enaltecidas, veneradas e espetacularizadas” (SIBILIA, 2008, p.34).

Tudo se torna um espetáculo e as pessoas cada vez mais se interessam por esse fenômeno. Compramos aquilo que nos vendem, seja ele um produto ou não. Compramos as informações que nos passam na televisão; compramos a ideia de uma nova tecnologia; “compramos” até mesmo as pessoas que aparecem na mídia. Vargas Llosa afirma que a imprensa já nasce influenciada por uma cultura que, ao invés de desaproveitar a exposição da vida alheia, o faz em nome do entretenimento. Com isso, as celebridades se tornam o principal fenômeno dessa sociedade

espetacular, onde “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 2004, p.16-17), ou seja, se está na mídia é porque é digno o suficiente para aparecer. A esse respeito, Felipe Pena afirma:

A mídia produz celebridades para poder realimentar-se delas a cada instante em um movimento cíclico e ininterrupto. Até os telejornais são pautados pelo biográfico e acabam competindo com os filmes, novelas e outras formas de entretenimento. [...] A espetacularização da vida toma o lugar das tradicionais formas de entretenimento. Cada acontecimento em torno de um indivíduo é superdimensionado, transformado em capítulo e consumido como um filme (PENA, 2007, p.88).

Trata-se de uma reação em cadeia, onde essa celebridade se sustenta pela mídia e a mídia depende das celebridades. Um ecossistema moldado e criado para que ambos consigam sobreviver. E assim, a mídia “cria” celebridades instantâneas, dando a elas seus “quinze minutos de fama” para que isso possa gerar conteúdo para seus canais, ao passo que aqueles que anseiam pela fama buscam a todo custo aparecer na mídia. Dessa forma, passamos a consumir a vida das pessoas que, de maneira narcisista, nos expõe o seu cotidiano para ser deliberadamente consumido.

Debord (2004) salienta que passamos a ter um comportamento hipnótico ao transformarmos o mundo real em imagens, pois as imagens se tornam seres reais, levando-nos a uma veneração delas, transformando-as em um culto religioso. O autor ainda completa que “o espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa” (DEBORD, 2004, p.19). Assim, a admiração presente no consumo é uma ilusão de conquista, pois a conquista material diante da sociedade do espetáculo é o fim último da vida. É o desejo e a graça alcançada. O autor complementa explicando que, no espetáculo, o mundo sensível é submetido por uma seleção de imagens (o mundo inteligível) e que, ao mesmo tempo, se fez reconhecer como o sensível por excelência.

Por esse motivo, passamos a venerar as celebridades como seres intocáveis, acompanhando-os como deuses do Olimpo ou como santos. Espelhamo-nos neles, criando até mesmo altares para o seu culto. Espalhamos pôsteres pela parede, guardamos fotografias e os admiramos como exemplos a serem seguidos, deixando-nos influenciar pelas suas ideias e atitudes. Desta forma, passamos a reproduzir os deuses por meio do cinema e dos quadrinhos, ou até mesmo cultuar as celebridades

como deuses vivendo a ilusão da mercadoria, na esperança de sermos iguais àqueles seres que cultuamos. Nesse sentido, Debord afirma que “o consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral” (DEBORD, 2004, p.33).

Nesse ponto é possível retomar os estudos de Flávio René Kothe, principalmente, em sua obra *Narrativas Triviais* (1994). Kothe realiza uma análise acerca das narrativas das histórias que consumimos por meio do cinema, livros, televisão ou quadrinhos, conceituando como narrativa trivial a repetição e superficialidade de tipos, enredos e finais. O autor salienta que essas histórias, com caráter simplista e maniqueísta, são construídas para que o público se identifique com o lado bom e se sinta atenuado de suas dores por meio da satisfação do “mocinho” ou da “mocinha”. Para Kothe,

O receptor médio da novela sentimental identifica-se com a ascensão social da protagonista, fantasiando por seu intermédio um sonho dourado. Isso parece ultrapassado nas gerações jovens, mas o tema retorna sempre, refletindo a disparidade entre classes (KOTHE, 1994, p.49).

Por isso é que os romances atraem a audiência e estão sempre presentes nas narrativas, mesmo nas contemporâneas, pois alimentam a ilusão da conquista, como se o público fosse o detentor da graça alcançada pelo protagonista. Assim, ao viver a história, o público recebe a falsa sensação de que seus desejos estão sendo atendidos e que, assim, seu “final” também pode ser feliz, satisfazendo-se por meio desse enredo, mostrando o quanto a sociedade ainda anseia por uma melhora social. “É como se houvesse um cansaço de realidade e um profundo desejo de fantasia, mundos ficcionais a amainarem o impacto do cotidiano, a embalarem e massagearem o cansaço existencial, a preguiça, a regressão ao estado vegetativo” (KOTHE, 1994, p.45). Dessa forma, o espectador sacia sua sede de mudança, mergulhando em um ambiente em que os sonhos podem se tornar realidade, nem que seja apenas por intermédio de um personagem ou de uma celebridade.

Com um propósito apenas ilustrativo, apresentamos uma charge referente ao Caso Isabella Nardoni que expressa bem essa “realização” do espectador com a fantasia que o mundo ficcional proporciona (figura 1).

FIGURA 1



Fonte: Blog do Nerix. Publicada em 28 de março de 2010. Autor: Amâncio

Disponível em: <<http://felippeneri.blogspot.com/2010/03/julgamento-do-casal-nardoni-alugou.html>>.

Com isso, retomamos os estudos de Debord (2004) em que este aponta que a representação vem tomando o espaço do autêntico. O autor salienta essa questão reproduzindo, no início do primeiro capítulo de sua obra, a afirmativa de Feuerbach que frisa que, hoje em dia, preferimos “a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser...” (*apud* DEBORD, 2004, p.13). E assim, com a manifestação do espetáculo, passamos a viver em uma sociedade em que aparências são mais importantes que essências, frase utilizada por Llosa para exemplificar que nossa sociedade está pautada na frivolidade, na qual a ideia de valores está corrompida: “isso é frivolidade, maneira de entender o mundo, a vida, segundo a qual tudo é aparência, ou seja, teatro, ou seja, brincadeira e diversão” (LLOSA, 2013, p.27). Portanto, a frivolidade é um retrato da desvalorização do ser sobre as coisas.

Importante ressaltar que não se trata de colocar a essência à frente da aparência. O ideal é que ambos possam coexistir de forma harmoniosa. Entretanto, vivemos em um “mundo clichê”, onde tudo é criado para aparentar ser melhor do que de fato é. Llosa afirma que a sociedade atual está em busca de exibição e de aparentar ser. O autor explica que milhares de turistas que visitam diariamente museus, teatros ou cinemas não estão em busca de conhecimento, mas o fazem por

“mero esnobismo, visto que a visita a tais lugares faz parte da obrigação do perfeito turista pós-moderno” (LLOSA, 2013, p.15).

O mundo transformado em espetáculo, marcado por clichês, também é um dos assuntos discutidos pelo jornalista Arbex Jr., ao produzir uma reflexão sobre o “indivíduo na era do clichê”, citando de forma interessante o filme *Muito além do jardim* (1979), de Hal Ashby. Esse filme nos mostra como o clichê está presente em nosso cotidiano de forma imperativa, expondo como a cultura de massa, e assim o clichê, molda o indivíduo, identificando que para a sociedade do espetáculo “parecer ser” é o mesmo que “ser”.

O filme narra a história de MrGardener, um humilde jardineiro que vive apenas para seu trabalho, não possuindo muito convívio social e aprendendo sobre a vida por meio da televisão. Quando seu patrão morre, o jardineiro precisa enfrentar o mundo real, carregando consigo apenas uma mala com ternos caros doados por esse, agora então, ex-patrão.

Em um determinado momento, o humilde jardineiro se vê rodeado por uma rica e influente família, que o julga pela sua aparência (afinal, seus ternos não condiziam com a condição de um simples jardineiro), concluindo então que se tratava de um membro de uma tradicional família americana de sobrenome Gardener, pois quando questionado sobre sua profissão, este responde “Sou jardineiro” (I’am a gardener). Porém, como seus ternos são caros demais para um jardineiro, logo presumem que Gardener é seu sobrenome.

A partir de então, guiando-se pelos diálogos que aprendera na televisão, o personagem passa a viver a vida por meio dos clichês, sem se dar conta do rumo das coisas, pois, conforme salienta Arbex Jr., ele continua levando sua vida como se ainda estivesse diante da tela da sua televisão. Seu modo de agir e falar faz sucesso entre aqueles que convivem, afinal, apenas repete de forma mecânica tudo que havia aprendido no vídeo; assim, seu comportamento se torna adequado “a toda uma sociedade que se comunica por meio de uma sucessão ininterrupta de clichês e chavões” (ARBEX JR., 2001, p. 79). Assim, compreendemos que o personagem se mantém na sociedade apenas aparentando ser alguém influente, pois consegue transmitir aquilo que a sociedade do espetáculo acredita ser o ideal, já que essa sociedade também se molda pelos clichês das narrativas triviais da televisão.

Outro filme que mostra de forma bem-humorada a crítica sobre o espetáculo é o *Special Correspondents* (2016), de Ricky Gervais. Nesta comédia, dois jornalistas

de rádio são escalados para cobrir uma guerra no Equador. Porém, após um descuido, eles perdem seus passaportes e passagens aéreas, ficando impedidos de embarcarem para o país. Com isso, montam um verdadeiro roteiro de cinema para convencer seu chefe e os ouvintes de que estão, de fato, no local da guerra; porém, estão se escondendo em um sótão no prédio em frente à rádio. Todos os dias os jornalistas passam informações cheias de emoções de como a guerra possui imagens fortes e como está sendo difícil a vida naquele ambiente. E assim, todos os ouvintes passam a acompanhar, de forma emocionada, aqueles relatos tristes de uma guerra.

Esse filme nos mostra, por meio de uma crítica aos jornais sensacionalistas, que o que importa é a comoção, muito mais do que a informação. De fato, estava ocorrendo uma guerra no Equador, porém a preocupação deles não era passar informações reais, pois sabiam que a fascinação do público viria por meio da espetacularização do fato. Assim, conforme exposto por Arbex Jr., “não se trata mais de mostrar o jornal como um panfleto instrumentalizado pelo seu proprietário [...], mas da espetacularização da notícia” (ARBEX JR., 2001, p.52).

Com esse filme, podemos realizar um paralelo com os estudos de Susan Sontag sobre as fotografias de guerra. Em sua obra *Diante da dor dos outros* (2003) a autora afirma que, com o avanço tecnológico que possibilitaram câmeras mais leves nos *front* de combate, com cliques mais rápidos, as guerras passaram a ter uma cobertura jornalística mais intensa. “Desde então, batalhas e massacres filmados no momento em que se desenrolam tornaram-se um ingrediente rotineiro do fluxo incessante de entretenimento televisivo doméstico” (SONTAG, 2003 p.22). Dessa forma, vivemos a guerra por meio das imagens, consumindo-as pelos jornais e televisão, assim como consumimos imagens publicitárias.

Além disso, Sontag (2003) salienta que, por vezes, as fotografias de guerras foram encenadas para causarem ainda mais comoção, como se imagens de cadáveres mortos não pudessem trazer um sentimento forte o suficiente. A autora relembra que a famosa fotografia “O vale da sombra da morte”, produzida pelo fotógrafo Fenton, foi forjada. Segundo a explicação da autora, Fenton solicitou que as balas dos canhões que aparecem na imagem fossem espalhadas pelo terreno, dando mais impacto à imagem. E este não é o único caso; Sontag cita outras fotografias mostrando que várias delas foram encenadas, apontando que algumas sofreram manipulações em seus cenários, tendo objetos e cadáveres arrastados de um lugar a outro para serem inseridos na imagem. Neste ponto, vale uma reflexão

em relação à espetacularização da guerra, pois, ao pensarmos que cadáveres de soldados foram arrastados de um lugar a outro e estrategicamente inseridos no ambiente para “posarem” na fotografia, mostra o quanto a desvalorização do ser sobre as coisas é factual.

Porém, a fotografia que mais causa comentários a respeito da dúvida sobre a sua autenticidade é a imagem capturada por Robert Capa, um dos mais famosos fotógrafos de guerra. A fotografia “A morte de um soldado republicano” pode ter sido encenada especialmente para as lentes de Capa, que capturou não um assassinato, mas um treinamento do soldado. Ou seja, tomamos conhecimento que, mesmo em um cenário de guerra, onde o horror já está presente, a manipulação das fotografias é uma prática mais comum do que se imagina. Provavelmente, tais imagens sejam forjadas para aumentar o impacto do que ela representaria, afinal, capturar o exato momento em que um soldado é atingido por uma bala, caindo no precipício em direção à sua morte, é considerado um ótimo registro da guerra, mesmo que não seja um momento autêntico.

A manipulação para atrair a atenção é comum em todos os aspectos. Entretanto, conforme lembrado por Sontag (2003), a partir da guerra do Vietnã, as fotografias passaram a ser mais autênticas, já que com o avanço da tecnologia o combate passou a ter registros de diferentes mídias, além de as câmeras possibilitarem que o fotógrafo entre no campo de combate e realize os cliques conforme se dá o acontecimento dos fatos, podendo registrar imagens impactantes mantendo uma distância mais segura. Como exemplo, a autora cita a fotografia da menina vietnamita correndo, nua e queimada, pelas ruas de uma aldeia, já que, devido às circunstâncias, esta imagem “pertence ao reino das fotos que não podem, em hipótese alguma, ser posadas” (SONTAG, 2003, p.50).

Porém, com toda a tecnologia, a busca por imagens impactantes faz parte do trabalho dos fotógrafos de guerra. Conseguir capturar o horror presente naquele cenário é o objetivo da maioria. De acordo com Sontag, “a caçada de imagens mais dramáticas (como, muitas vezes, são definidas) orienta o trabalho fotográfico e constitui uma parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor” (SONTAG, 2003, p.23-24).

O espetáculo, o show e a magia, portanto, fazem parte até mesmo das produções que expõem a dor dos outros. Llosa (2013) também salienta que a nossa cultura, baseada no espetáculo, incentiva esse tipo de exposição. Ou seja, é

necessário fazer tudo para tornar algo mais sensacional do que de fato é, como por exemplo, manipular imagens de guerras que não seriam necessárias, já que a guerra expõe traços da crueldade humana sem a necessidade da manipulação. Por isso, o sensacionalismo ¹ faz tanto sucesso, pois nos cativa com sua linguagem clichê, com seus enfeites e efeitos, causando uma inebriante sensação, como se estivéssemos em frente a uma tela de cinema, mesmo que o que nos apresentem sejam imagens tão reais e cruéis como a própria guerra.

Esse uso excessivo dos clichês para atrair atenção faz parte do cotidiano. Como no exemplo de MrGardener, até mesmo nas interações sociais o uso das frases de efeito e o exagero das formas (como roupas caras, etc.), chamam a atenção das pessoas, tornando aqueles que as utilizam, um ser sensacional. Esse fenômeno aparece também e, principalmente, nos anos eleitorais. Ao assistirmos um debate político encontramos uma fonte inesgotável de frases de efeito ditas exclusivamente para impressionar os eleitores. Tendo como exemplo o debate exibido pela *Rede TV!* no dia 17 de agosto de 2018 entre os presidentiáveis Jair Messias Bolsonaro e Marina Silva, temos no primeiro candidato um exemplo disso. Bolsonaro não se acanha em disparar frases prontas, ditas exclusivamente para atrair a atenção. Seu principal objetivo não é ganhar a discussão com base nos argumentos, mas sim, em linguagem informal, “mitar”. O foco é criar frases que irão impactar e assim, provavelmente, angariar eleitores que se deixam levar pela força dos jargões. Não à toa, muitos de seus eleitores denominam Jair Bolsonaro como o “mito”.

Porém, o uso dos clichês, das frases de efeito e do brilho excessivo para chamar a atenção e assim, conscientemente ou não (como no caso de MrGardener), parecer ser mais importante socialmente, é um fenômeno há muito utilizado e observado. Hanna Arendt, em sua obra *Eichmann em Jerusalém* (2013), observou que o próprio Adolf Eichmann se utilizava de frases de efeito para chamar a atenção. A autora comenta que, durante todo o julgamento, Eichmann utilizava frases que causavam impacto, mesmo que algumas delas acabassem se contradizendo. Afirma Arendt:

Eichmann, apesar de sua má memória, repetia palavra por palavra as mesmas frases feitas e clichês semi-inventados (quando conseguia fazer uma frase própria, ele a repetia até transformá-la em clichê) toda vez que se referia a um incidente ou acontecimento que

¹ Aprofundaremos esse conceito no item 2.3 desta dissertação.

achava importante. [...] ele dizia sempre a mesma coisa, expressa com as mesmas palavras (ARENDR, 2013, p.62).

Talvez as atitudes de Eichmann em se expressar por jargões fosse um reflexo de toda a sua vida, pois esse tipo de linguagem é uma ferramenta fortemente utilizada pelos partidos totalitaristas, como o nazismo. Sigmund Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) já estudava essa questão, afirmando que ao utilizar frases feitas, cheias de impacto, é possível atrair a atenção de uma massa fragilizada, fazendo com que as pessoas acreditem em seus ideais.²

2.1 A TRAGÉDIA E O SHOW

Ainda analisando o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém, Hanna Arendt observou que aquilo se transformou em um evento. A autora comenta que o local do julgamento foi construído como um teatro, sendo que as sessões ocorreram em um palco e que, o grito do meirinho a cada início de sessão, produzia o efeito de uma cortina abrindo para o início do espetáculo. A autora ainda lembra que, embora o juiz tenha se esforçado para que um julgamento tão importante não se tornasse um show, os envolvidos persistiram em fazê-lo. De acordo com Arendt, “Desde o começo, não há dúvidas de que é o juiz Landau quem dá o tom, e de que ele está fazendo o máximo do máximo, para evitar que este julgamento se transforme num espetáculo por obra da paixão do promotor pela teatralidade” (ARENDR, 2013, p.14).

Porém, conforme exposto pela própria autora, os esforços não foram suficientes para impedir que fizessem do julgamento um espetáculo. Até mesmo a transmissão televisiva estadunidense - que obteve o patrocínio da Glickman Corporation - era interrompida constantemente para os anúncios de propriedades imobiliárias. “Sempre os negócios”, como lembrado por Arendt (2013, p.16). Ou seja, mesmo em um momento histórico importante como o julgamento de um general nazista, acusado de assassinatos e crimes contra a humanidade, o que predominou foi o *show bussines*.

O fato é que o Mercado se aproveita das mais diversas situações para lucrar. Sabendo que haverá público e, conseqüentemente, compradores, os negócios

² Essa reflexão mereceria aprofundamento, porém não faz parte de nossos objetivos e deverá ser realizada em outra oportunidade.

tomam a frente e não se acanham em explorar os fatos de forma lucrativa, mesmo em um julgamento de um general nazista, em coberturas de desastres naturais ou de grandes tragédias. Jean Baudrillard, em sua obra *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem* (1999) aponta que “por toda a parte, a infelicidade, a miséria, o sofrimento dos outros tornarem-se a matéria-prima e a gênese” (BAUDRILLARD, 1999, p.18). O sofrimento alheio se tornou o motor da sociedade e, nesse sentido, o referido autor cita o jornalista francês Daniel Schneidermann, que aponta que é quase impossível que os programas informativos apresentem “outros espetáculos que não o do sofrimento” (SCHNEIDERMANN *apud* BAUDRILLARD, 1999, p.18).

Entretanto, a transformação da violência e da tragédia em espetáculo é um fenômeno muito antigo. Quando Arendt cita que o tribunal se assemelha a um teatro, lembramos dos antigos anfiteatros construídos para as lutas entre gladiadores. Esse tipo de exposição, em que os romanos transformavam em jogos a luta pela sobrevivência, tornou-se extremamente popular. De acordo com Norberto Luiz Guarinello, durante o período do Império “os combates de gladiadores aumentaram de frequência e se difundiram por todo o mundo romano” (GUARINELLO, 2007, p.128). O referido autor salienta que os jogos de gladiadores eram combates sangrentos pela vida, e que podiam resultar em morte de um dos jogadores, senão ambos, e que tudo era exposto à multidão como um espetáculo.

Assim, quando resgatamos o sentido do teatro e seu nascimento na Grécia, percebemos como a tragédia e o espetáculo sempre estiveram, historicamente, correlacionados. Conforme definido por Aristóteles:

A tragédia é a representação de uma ação nobre e completa, com uma certa extensão, em linguagem poetizada, cujos componentes poéticos se alternam nas partes da peça, com o concurso de atores e não por narrativa, que pela piedade e pelo terror opera a catarse desse gênero de emoções (*apud* MALHADAS, 2003, p.17).

A catarse era uma libertação. Era o momento em que o ser humano conseguia a purificação da sua alma por meio da expurgação dos sentimentos. Ou seja, ao longo da história, o espectador se envolvia nas tensões geradas pelo enredo, afloradas pelas construções sonoras e ambientais do espetáculo. Assim, a catarse era o momento no qual esse espectador passava por uma descarga emocional, liberando as emoções que vinham acumuladas durante todo o processo do espetáculo. Interessante lembrar que as tragédias gregas eram apresentadas

nas festas religiosas anuais em homenagem ao deus Dionísio. Como se sabe, Dionísio era o deus do vinho e da festa.

Assim, não podemos também deixar de citar as famosas execuções em praças públicas. Durante muitos séculos, esse tipo de cumprimento da lei era comum em diversos países. Seus criminosos eram exibidos em grandes passeatas, onde o público podia, durante o trajeto, desferir xingamentos e até mesmo jogar legumes nos condenados. Ao final desse “passeio”, o criminoso era executado na presença de todos. O povo tinha, então, o seu momento catártico, já que naquele instante o público, enfim, gozava da libertação das suas emoções que vinham em uma crescente durante a passeata. O show estava completo e todos podiam ir para suas casas.

Uma versão contemporânea dessa situação foi apresentada pela série britânica *Black Mirror*, criada por Charlie Brooker. Tal série é conhecida por produzir histórias que apresenta como a tecnologia pode afetar a vida dos indivíduos e da sociedade. O episódio “Urso Branco”, exibido na segunda temporada e produzido em 2013, apresenta a história de Victória. No início, o episódio revela Victória acordando em um vilarejo desconhecido; a personagem, então, passa a fugir de pessoas fantasiadas que, com diferentes armas, tentam atingi-la. O curioso é que pessoas comuns passam por ela, algumas até mesmo com celulares nas mãos filmando o seu desespero. Porém, tais pessoas não param para ajudá-la, mesmo com as súplicas constantes.

Ao final, descobrimos que Victória foi acusada de raptar e matar uma criança de seis anos e que a mesma está participando de um estranho programa de entretenimento. Neste momento nos é relevando que as pessoas que tentavam matá-la eram atores e aquelas com celulares nas mãos, espectadores, que pagavam para assistir o sofrimento de Victória ao fugir desses supostos assassinos. Ao final do dia, Victória era exposta em uma mórbida passeata, no qual pessoas atiravam tomates em sua direção, tal qual se fazia na Idade Média. Após o “passeio”, a acusada era submetida a um procedimento em que sua memória era apagada e, portanto, não se lembraria de absolutamente nada no dia seguinte, nem do que havia se passado, muito menos sua própria identidade. Assim, toda aquela encenação se repetiria e novos espectadores pagariam para se deleitar com o desespero de Victória.

Porém, algo parecido saiu das telas de ficção e se tornou real. Sabendo que a tragédia nos fascina, o mercado de turismo não tardou para desenvolver um serviço de turismo “macabro”, no qual as pessoas adquirem pacotes de viagens para conhecer lugares sombrios. Ao invés de um guia turístico apresentar as obras do Museu do Louvre, as paisagens de Machu Picchu ou as fascinantes ruas de Paris, um guia é contratado para mostrar os escombros do tsunami na Indonésia ou as áreas radioativas de Fukushima, no Japão. As pessoas pagam para ver os cenários devastados, os resquícios de vidas que foram perdidas, os objetos esquecidos devido a uma fuga urgente. Essa questão é apresentada pelo jornalista neozelandês David Harrier na série *Turismo Macabro*, produzida pela Netflix. Na série, Harrier exhibe sua experiência realizando um roteiro de viagem nos locais acima citados.

O que chama a atenção é que diversas pessoas procuram por esse tipo de turismo, pagando grandes quantidades de dinheiro para visitar lugares onde milhares de pessoas morreram; para ter uma experiência exaustiva, como a travessia EUA x México; para serem expostas a elementos radioativos que podem causar sérios danos à sua saúde, dentre outros. Ou seja, o ser humano está em busca de presenciar e ter experiências que mostrem o lado sombrio da vida. Com isso, percebemos que a tragédia se transformou em um show, mais do que isso, um *show business*, atraindo consumidores dispostos a comprar esse tipo de experiência. Portanto, percebemos que o sensacionalismo na televisão também se tornou um importante ingrediente para atrair a audiência, pois sabemos que a exploração da dor do outro atrai a audiência, significando mais lucro.

Esse fascínio pela tragédia e pelo sofrimento já foi analisado por diversos estudiosos, principalmente, da área da Psicologia e da Psicanálise, dentre eles, Sigmund Freud e Carl Gustav Jung. Ambos salientam que existe um fascínio inerente ao ser humano ao se deparar com imagens de tragédias, alimentando sentimentos que, devido às construções sociais, escondemos no nosso íntimo ou na nossa sombra.

Nos estudos sobre sensacionalismo desenvolvido por Angrimani Sobrinho (a ser aprofundado no próximo capítulo), as análises de Freud sobre a construção psíquica humana são utilizadas para demonstrar o apelo sobre coisas que não são comuns, como a violência, os desastres, as tragédias humanas, e assim por diante.

O psicanalista explica que o desenvolvimento psíquico do ser humano é constituído pelo ego, pelo id³ e pelo superego. O ego é a parte que controla nossos instintos, porém, por vezes sendo obrigado a se deixar dominar por eles. O id é a parte inconsciente, constituída dos impulsos. O superego são as construções sociais adquiridas pela experiência do indivíduo que funcionam como o “freio” do id. “O id é totalmente amoral, o ego se esforça em ser moral, e o superego pode ser hipermoral” (FREUD *apud* ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p.44). E segue:

A agressão é introjetada, internalizada, devolvida em realidade ao lugar de onde procede; e dirigida contra o próprio ego, incorporando-se a uma parte deste, que na qualidade de superego se opõe à parte restante e assumindo a função de consciência moral, desloca frente ao ego a mesma dura agressividade que o ego, de bom grado teria lançado em indivíduos estranhos. A tensão criada entre o severo superego e o ego subordinado ao mesmo a qualificamos de sentimento de culpabilidade: se manifesta sob a forma de necessidade de castigo (FREUD *apud* ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p.44).

E mais, Otto Fenichel, baseando-se nos estudos de Freud, afirma que há uma satisfação do indivíduo ao ver materializado no outro um desejo reprimido.

Se outra pessoa faz alguma coisa (ou se supõe haja feito) que o indivíduo desejava, inconscientemente fazer, mas não fez inibido por sentimentos de culpa, isso é capaz de provocar a admiração e o alívio, significando: “Já que os outros fazem, não pode ser assim tão mau, afinal de contas” (FENICHEL *apud* ANGRIMANI SOBRINHO, p.47-48).

E assim, nos satisfazemos “por procuração”, a partir do outro. Diante disso, traçamos um paralelo com os estudos de Jung que explica esse fenômeno por meio de sua teoria referente à construção da sombra. Para Jung, todos os seres humanos carregam consigo uma sombra, que é constituída de características que rejeitamos conforme nosso crescimento e desenvolvimento social vão sendo moldados; ou seja, nossa sombra se forma de acordo com as nossas experiências e com as convenções que nos cercam.

Todas as nossas experiências influenciam para o desenvolvimento de nossa sombra: o convívio com nossos pais e familiares, professores, colegas, dentre

³ Estudos recentes de psicanálise apresentam a substituição da nomenclatura “id” para “isso”.

outros. E assim, vamos assumindo características que o nosso entorno considera aceitável e acumulando em nossa sombra aquelas consideradas inaceitáveis. Cada pessoa, dependendo da cultura que o cerca, possuirá uma sombra diferente. Segundo Jeremiah Abrams e Connie Zweig (1994), diferentes famílias e diferentes culturas consideram de forma diferente aquilo que é aceitável daquilo que não é. Por exemplo: para uma sociedade capitalista, o acúmulo de bens e a ambição são características aceitáveis e, muitas vezes, louváveis; já em outra sociedade, isso pode ser considerado vergonhoso e, nesse caso, pessoas ambiciosas podem anular essa característica, confinando-a para sua sombra.

Ainda a respeito da sombra, Jung considera que nem todos os sentimentos e capacidades que estão escondidos e enclausurados em nossas sombras são características negativas; nela também podemos encontrar nossos talentos e dons não desenvolvidos. A esse respeito, Abrams e Zweig afirmam:

A sombra pessoal contém, portanto, todos os tipos de potencialidades não-desenvolvidas e não-expressas. Ela é aquela parte do inconsciente que complementa o ego e representa as características que a personalidade consciente recusa-se a admitir e, portanto, negligencia, esquece e enterra... até redescobri-las em confrontos desagradáveis com os outros (ABRAMS; ZWEIG, 1994, p.17).

Os psicanalistas junguianos acreditam que confrontamos nossas sombras quando nos deparamos com algo que nos causa profunda raiva ou vergonha. Quando rimos de uma piada considerada “de mau gosto”, ou quando damos imensas gargalhadas ao assistirmos as vídeo-cassetadas no programa dominical *Domingão do Faustão*, é nossa sombra que se faz presente.

Nesse ponto, podemos traçar um paralelo com os estudos de Daniel de Oliveira Figueiredo (2012) sobre o humor e a sua característica de amortização. Baseando-se em estudos de diversos teóricos sobre as faces do humor, Figueiredo aponta que o humor de amortização é aquele que “provoca um movimento de acomodação e relaxamento do pensamento” (FIGUEIREDO, 2012, p.18). Ou seja, o autor aponta que esse tipo de humor trabalha em nosso inconsciente afrouxando nossas amarras morais e sociais. “As piadas tendenciosas [...] atenuam nossos controles morais e, nesse caso, dão vazão a uma pulsão represada e proibida” (FIGUEIREDO, 2012, p.27). Ciro Marcondes Filho também comenta sobre essa

atuação do humor como atenuador dos julgamentos salientando que, “com a piada, esse lado negro, escondido em cada um, ganha dimensão pública mas mantém-se livre de repressões, já que se trata de humor” (MARCONDES FILHO, 1994, p.38).

Além disso, podemos ressaltar que, conforme apontando pelos autores junguianos, existe também uma projeção ao nos depararmos com uma situação que extrapola a normalidade do cotidiano; ou seja, quando algo ruim acontece com o outro, projetamos o sentimento sobre ele e nos satisfazemos com aquele fato, mas sem corrermos risco algum. Assim, quando vemos um acidente, nosso inconsciente se satisfaz nele e aliviemo-nos ao pensar que “ainda bem que não foi comigo”. Abrams e Zweig afirmam que “através de uma representação simbólica do lado da sombra, nossos impulsos para o mal podem ser encorajados, ou talvez aliviados, na segurança do livro ou da tela” (ABRAMS; ZWEIG, 1994, p.19-20). O mesmo ocorre no riso, pois quando rimos do outro estamos inconscientemente aliviando nossos sentidos daquele sentimento.

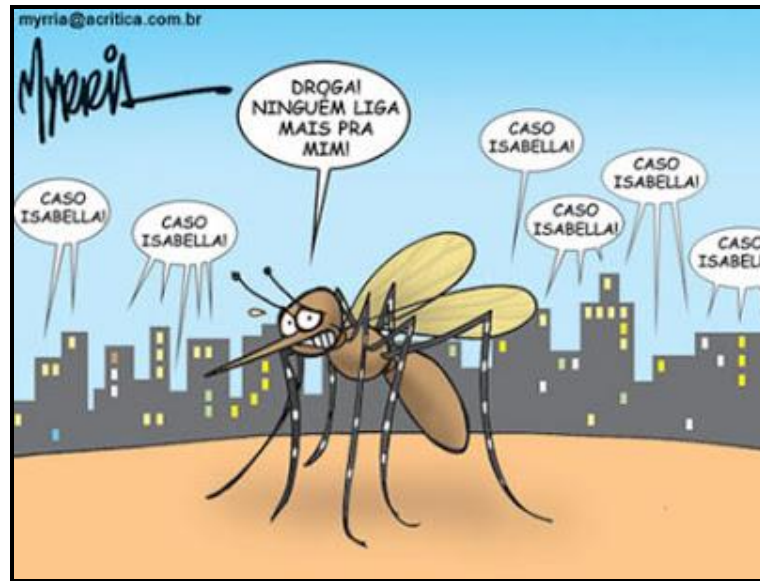
Enfim, os estudos de Freud e Jung compreendem que, ao deparamos com uma tragédia, inconscientemente, nos satisfazemos, pois alimentamos nossa sombra ou nosso id sem precisarmos fazer parte daquele cenário. A explicação para o fascínio acerca da dor do outro está no fato de ser exatamente do outro. Por vezes, assistimos à dor e ao horror sem compreender que aquele sentimento que nos toma (seja de raiva, de desprezo ou de compaixão) alivia a nossa sombra, descarregando no outro aquilo que está preso em nós mesmos. Talvez, tenhamos o nosso momento de catarse, quando podemos descarregar diversos sentimentos acumulados e, assim, procuramos nos isentar da culpa moral, já que se torna mais fácil nos escondermos atrás da sombra.

2.2 AGENDA *SETTING*: O QUE MERECE SER MOSTRADO

Casos de tragédias e sofrimento alheio costumam atrair a atenção do público; sabendo disso, a mídia aproveita para utilizá-los como temas de destaque na imprensa. Como exemplo, apontamos o caso que será objeto de estudo dessa dissertação: o caso Nardoni. O assassinato de Isabella Nardoni foi explorado por quase toda a imprensa brasileira. Seu nome era lido em dezenas de revistas e seu rosto, assim como de seus familiares, passou a ser tão conhecido como de qualquer celebridade. Toda a história passou a ser explorada como uma novela. Porém, esse

fenômeno já havia ocorrido outras vezes com outros casos. De tempos em tempos, percebemos que alguma situação toma conta das mídias e vira a atração do momento, sendo discutida em qualquer roda de conversa na sociedade. A ilustração abaixo (figura 2) é bastante representativa desse fenômeno.

FIGURA 2



Fonte: *Jornal A Crítica*. Publicada em 24 de abril de 2008. Autor: Myrria

Disponível em: <http://ambienteacreato.blogspot.com/2008/04/charge-do-jornal-critica_24.html>.

De acordo com Clóvis de Barros Filho (1996) esse fenômeno é conhecido como hipótese do “agenda *setting*” e se refere ao poder dos meios de comunicação de massa em apontar quais assuntos serão discutidos pelos indivíduos. É a mídia que oferece a pauta do dia e que escolhe quais assuntos iremos tratar, seja em uma conversa com os amigos ou influenciando a forma como os fatos ficarão registrados em nossa memória. Essa teoria vem sendo estudado por diversos teóricos, sendo que o primeiro estudo sobre como os interesses da sociedade eram influenciados pelos conteúdos da mídia foi realizado em 1922 por Walter Lippman, tempos em que a mídia ainda não era tão acessível como atualmente. Muito embora esse estudo ainda não contasse com o nome “agenda *setting*”, Lippman é considerado um dos precursores dessa teoria.

É possível perceber que desde muito tempo a imprensa interfere no nosso cotidiano, influenciando ativamente a forma pela qual vemos um determinado assunto. Ciro Marcondes Filho (1994) salienta que, hoje em dia, a única prova de

que um acontecimento de fato existiu é pela sua cobertura midiática. “Ninguém mais sabe das coisas a partir do colega de trabalho, do vizinho, do conhecido, do parente; as coisas são conhecidas através dos meios de comunicação” (MARCONDES FILHO, 1994, p.65). Assim, descartando os fatos que acontecem em nossa vida privada, só temos conhecimento daquilo que a mídia nos transmite, seja um desastre natural, uma guerra ou um acidente de trânsito, ou seja, “as pessoas, nas suas comunicações interpessoais, discutem prioritariamente sobre os temas abordados pelos meios de comunicação” (BARROS FILHOS, 1996, p. 27).

Conforme exposto por Arbex Jr. (2001, p.97), “[...] a transformação de fato em notícia, passa pela sanção do mercado”. O autor ainda salienta que mesmo em casos tidos como espetaculares, como desastres naturais, por exemplo, existe uma “hierarquização nada transparente que atribui um certo grau de importância à notícia em relação ao conjunto total das notícias divulgadas naquele dia” (ARBEX JR., 2001, p.112). A imprensa filtra os assuntos e nos mostra aquilo que acredita ser mais importante, ou aquilo que lhes convém mostrar. Clóvis de Barros Filho e Sérgio Praça (2007) apontam que essa hipótese “fixa o calendário dos acontecimentos”, demarcando aquilo que é relevante daquilo que não é, e isso pode ser feito com qualquer assunto, desde grandes acontecimentos internacionais, até pequenas piadas. Além disso, criam “o clima no qual será recebida a informação” (BARROS FILHO; PRAÇA, 2007, p.133).

A imprensa também pode influenciar a forma pela qual pensamos aquele assunto. Por meio do seu recorte e das escolhas das palavras, a mídia pode interferir no modo como enxergamos um acontecimento. No caso de Isabella Nardoni, de acordo com as matérias acusatórias da mídia (que serão analisadas no próximo capítulo), passamos a condenar Alexandre Nardoni e Anna Carolina, sem ao menos dar-lhes o direito à dúvida. Nelson Traquina aponta essa posição do agenda *setting*, afirmando que as notícias nos mostram como pensar um determinado fato. Afirma o autor: “tanto a seleção dos objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são poderosos papéis do agenda-setting” (TRAQUINA, 1995, p.30).

Além disso, outro fato interessante é sobre como a mídia influencia e molda a nossa memória sobre os acontecimentos. Marcondes Filho salienta que quase toda nossa memória histórica é pautada, geralmente, “pelas imagens, especialmente eletrônicas, vindas ou da televisão ou dos computadores” (MARCONDES FILHO,

1994, p.39). Com isso, resgatamos também uma das premissas da sociedade do espetáculo: tudo se tornou imagem; até mesmo nossa memória vem das imagens produzidas e disseminadas pela mídia de massa. Assim, por exemplo, quando relembramos do fatídico “11 de Setembro”, provavelmente, teremos memórias semelhantes, já que o que nos vêm à mente são as imagens registradas e disseminadas pelos canais de televisão. A esse respeito, Barros Filho afirma:

A rigor, essa imposição pode ser vista como uma forma de manipulação; Ao selecionar alguns temas que compõem o produto informativo, os meios de comunicação determinam o que aconteceu, dão alguns fatos existência social, mas condenam às trevas, ao desconhecimento social, um número infinitamente maior de temas também mediatizáveis (BARROS FILHO, 1996, p.28).

Arbex Jr. (2001) relata também que para atrair a confiança do público e construir uma relação entre conteúdo da mídia e interesse público se aposta na atuação dos “âncoras”. Ou seja, é preciso ter uma figura que transpareça respeito e credibilidade, tornando aquilo que ele informa uma verdade absoluta. “Eles ditam o que deve ou não ser lido, visto, ouvido e usado pelos seus leitores/telespectadores. Orientam as escolhas, assim como geram parâmetros de opinião” (ARBEX JR., 2001, p.135). Aqui, podemos resgatar o papel dos *influencers*, conforme apontado anteriormente. Esses âncoras se tornam quase celebridades, influenciando aqueles que o seguem; eles se tornam fontes fidedignas, afastando-se de qualquer fonte de dúvida.

Muito embora, a sociedade atual esteja cada vez mais buscando outras fontes de informação, além das tradicionais, como telejornais, ainda percebemos os âncoras como profissionais que transmitem confiabilidade, principalmente para um parcela mais tradicional e conservadora da sociedade. Além disso, cada vez mais, esses profissionais estão se tornando também celebridades, com o intermédio da internet e redes sociais, conquistando assim a simpatia dos mais jovens e dos internautas.

Em relação à escolha das pautas que serão apresentadas pelos meios de comunicação, Felipe Pena (2007) aborda sobre o papel do *gatekeeper* que, de acordo com o autor, é o profissional dentro do jornalismo que filtra as matérias que deverão ser veiculadas, ou seja, ele “tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia” (PENA, 2007, p.133). Como seu próprio nome diz -

porteiro, em inglês -, esse profissional coordena o que passa ou não pelo seu “portão”, transformando em notícia somente aquilo que ele deixar passar.

Apesar disso, Arbex Jr. salienta que existem alguns fatos que acabam se impondo como notícia devido à sua força e que se tornam notícia mesmo contra a vontade de alguns veículos de comunicação. O autor cita como exemplo a campanha “Diretas Já” que, na época, passou “despercebida” pela televisão, não registrando as passeatas e os comícios da campanha. Recentemente, o movimento conhecido como “#Elenão”, contra o, então candidato à Presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, ganhou força na internet e migrou para as ruas por meio de passeatas ocorridas em diversas cidades do país; entretanto, pouco foi noticiado na televisão. Alguns meios, inclusive, não comentaram sobre o fato e apesar da pouca visibilidade na televisão, o movimento era notícia permanente na internet.

Hoje em dia, portanto, com a facilidade de acesso à informação, por meio da internet, podemos localizar diversas notícias com diferentes abordagens, mostrando o mesmo fato a partir de posições ideológicas diferentes; porém, a televisão e o jornal, assim como os sites das grandes mídias de massa, ainda exercem um papel importante na construção do pensamento de um indivíduo. O movimento “#Elenão” é um bom exemplo, pois muitos acreditam que o movimento tenha sido pífio devido ao pouco destaque na mídia tradicional, muito embora tenha tido uma grande repercussão e grande número de adeptos em todo o Brasil. Segundo a BBC Brasil, em matéria do dia 30 de setembro de 2018, não foi contabilizado um número exato de manifestantes, já que a polícia não divulgou suas estimativas, questão que contribuiu para questionar a força das manifestações. Apesar disso, analisando o território que foi ocupado no Largo da Batata, em São Paulo, acredita-se que, somente naquele local, havia cerca de 100 mil pessoas. Soma-se a isso alguns dados da página oficial do Facebook “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”, organização precursora do movimento, que contabilizava até o dia 28 de outubro de 2018 (dia da votação em segundo turno das eleições presidenciais) com mais 2 milhões de membros.

A partir disso, é possível reconhecer que a exploração do caso envolvendo Isabella Nardoni se deu por dois motivos: porque era uma pauta interessante para a mídia, já que se tratava de um assassinato de uma criança cometido, possivelmente, pelo pai e pela madrasta e que, portanto, poderia trazer grandes repercussões; e também, porque o caso gerava uma comoção na sociedade, que passou a querer

saber mais sobre a história, impondo o assunto como notícia. Enfim, Isabella “dava audiência” e a imprensa queria se aproveitar disso.

Considerando o fenômeno de audiência que se tornou o Caso Isabella Nardoni, também com propósito apenas ilustrativo apresentamos a charge abaixo (figura 3).

FIGURA 3



Fonte: Blog Planetacho. Publicada em 24 de abril de 2008. Autor: Tacho
Disponível em: < <http://planetacho.blogspot.com/2008/04/>>.

2.3 TEM SANGUE NO JORNAL: O SENSACIONALISMO

Diante do mundo do espetáculo, a tragédia se tornou um alvo certo. Com tanta exploração do sofrimento alheio, o termo ‘sensacionalismo’ há muito vem sendo utilizado como forma de classificar um gênero jornalístico que, segundo Gustavo Barbosa e Carlos Alberto Rabaça (2002), utiliza de intencional exagero explorando um fato de modo a causar uma emoção e até mesmo escandalizar o público. Segundo Danilo Angrimani Sobrinho (1995) o sensacionalismo pode ser assim considerado:

[...] tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Ou seja, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p.16).

Por sua vez, para Rosa Nivea Pedroso (2001), o sensacionalismo pode ser definido como um discurso de “intensificação e exagero gráfico, temático, lingüístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de apresentação e construção do real social” (PEDROSO, 2001, p.123). Ou seja, ambas as definições compreendem o sensacionalismo como o intencional exagero das informações. A referida autora destaca, ainda, outros elementos que considera como sendo regras que definem a prática ou o modo de produção de informação sensacionalista:

Intensificação, exagero e heterogeneidade imagética; ambivalência lingüístico-semântica, que produz o efeito de informar através da não identificação imediata da mensagem; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; adequação discursiva ao status semiótico das classes subalternas; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; valorização de conteúdos ou temáticas isoladas, com pouca probabilidade de desdobramento nas edições subseqüentes e sem contextualização político-econômico-social-cultural; discursividade repetitiva, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, autoritária, despolitizadora, fragmentária, unidirecional, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa; exposição do oculto, mas próximo; produção discursiva sempre trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica; escamoteamento da questão do popular, apesar de pretenso engajamento com o universo social marginal; gramática discursiva fundamentada no desnivelamento sócio-econômico e sociocultural entre as classes hegemônicas e subalternas (PEDROSO, 2001, p.122-123).

Podemos considerar também que dentre as principais fontes para o sensacionalismo estão os *fait divers*. O termo *fait divers* - em tradução literal “fatos diversos” - foi explorado por Roland Barthes que o definiu como sendo fatos que cobrem “desastres, assassinatos, raptos, agressões, acidentes, roubos, esquisitices, tudo que remete ao homem: à sua história, à sua alienação, a seus fantasmas, aos seus sonhos, aos seus medos” (BARTHES, 2007, p.58). Diante disso, a imprensa sensacionalista se alimenta de crimes, celebridades, lendas urbanas e diversos outros fatos do cotidiano para criar suas reportagens, porém sempre destacando elementos que possam causar uma emoção. É importante ressaltar que esses mesmos elementos servem de inspiração para obras ficcionais, ou seja, por atraírem a atenção do público, os *fait drives* são o alimento para diversos artistas.

Susan Sontag (2003) relembra que as pinturas antigas representavam com frequência o sofrimento alheio, frutos da ira divina ou humana. A autora salienta que a iconografia do sofrimento - ou seja, a representação da dor do outro - é muito antiga e muito utilizada nas artes sendo, inclusive, inspiração para as mais diversas obras. Percebemos também que esses elementos são facilmente encontrados na literatura. De acordo com Roberto José Ramos, os *fait divers* serviam de estímulo para várias novelas:

Na literatura, o 'Fait Divers' inspirou os heróis de Balzac, as novelas de Flaubert, tal como 'Madame Bovary', e o romance de Stendhal, 'O Vermelho e o Negro'. Proporcionou a Beauvoir e Sartre material para os seus textos. Breton usou essa estrutura na poesia (RAMOS, 2013, p.208).

Não à toa, as matérias sensacionalistas se assemelham a narrativas novelescas, afinal, os *fait drives* servem como pano de fundo aos mais diversos enredos das artes. Conforme os estudos de Ana Lúcia Enne (2007), que procurou entender o sensacionalismo por meio do resgate das novelas de horror do século XIX, os elementos utilizados naquelas narrativas estão presentes no sensacionalismo, quais sejam, "as marcas do excesso, a utilização da personificação e das descrições sensoriais, a estrutura maniqueísta e o apelo ao escatológico, ao sexual e ao grotesco" (ENNE, 2007, p.75). Ou seja, de fato, as novelas se inspiraram nas pequenas tragédias cotidiana para construir suas tramas.

Flávio Kothe (1994) argumenta que as narrativas triviais, típicas das novelas e contos de fadas, têm como enredo exatamente essa estrutura maniqueísta, a luta do bem e do mal. Nele, o "mocinho" tem sua estabilidade atingida pelo "bandido" e, portanto, precisa fazer justiça e que "tudo é feito para que o receptor se identifique com o lado da positividade indiscutida, aniquilando a maldade, para que, assim, se possa fazer de conta que a justiça se instaurou na Terra" (KOTHE, 1994, p.26) O autor ainda aponta que esses dois lados estão unidos e que um não existe sem o outro, e que são separados apenas pela estrutura dualista do maniqueísmo:

O bandido é bandido; o mocinho é mocinho; a mocinha é mocinha; o mau é mau; o bom é bom; quem ama, ama; quem não ama, não ama; quem está predestinado, cumpre o seu destino; quem não está predestinado, não cumpre o seu destino; quem está condenado, acaba condenado; quem deve ser premiado, acaba sendo premiado e assim por diante. Cada um demonstra que é o que é, e ele é o que

se supunha que fosse. As suas características mais profundas aparecem do modo claro, evidente e estereotipado desde o começo. Não há engano possível (KOTHE, 1994, p.56-7).

O autor aponta ainda que esse tipo de narrativa, com enredos tão antigos, vem sendo cada vez mais repetido devido às tecnologias dos meios de produção, que facilitam a difusão dessas estruturas. A esse respeito, Enne também relata a evolução das narrativas das novelas, afirmando que as cidades passaram a ser o cenário do terror cotidiano; se antes, as narrativas contemplavam as florestas e os vilarejos medievais, hoje em dia, a monstruosidade está “na vida urbana, no perigo das grandes cidades, no estilo de vida da metrópole” (ENNE, 2007, p.77). E assim, atualizamos o contexto, mas continuamos com os mesmos enredos.

Tomando por base essa “monstruosidade” e no que há de “estranho” nos *fait divers*, Muniz Sodré (1988) realizou um estudo sobre o grotesco como estratégia de comunicação. A partir dos estudos de Mikhail Bakhtin, Sodré afirma que os elementos do grotesco dizem respeito à obscenidade, ao grosseiro, ao cinismo e ao insulto, ou seja, “tudo que não atende ou se encaixa na normalidade humana” (SODRÉ, 1988, p.38). O referido autor afirma que esses elementos chamam a atenção do público por se tratarem de questões que pertencem a todos, mas que preferimos esconder. Em *O império do grotesco* (2002), em parceria com Raquel Paiva, os autores afirmam que “o grotesco representa o grau zero da condição humana” (SODRÉ; PAIVA, 2002, p.160), suscitando um riso cruel, ou seja, um riso que se satisfaz no sofrimento do outro. Essa afirmação resgata os estudos de Jung, pois a sombra também se caracteriza como uma condição primitiva do ser humano; quando a sombra se faz rir, também se faz rir o seu lado que não se encaixa na normalidade humana.

Voltando a questão do sensacionalismo, por se tratar de assuntos populares, a linguagem utilizada para expressar os *fait divers* também precisa estar adequada ao público. A esse respeito, Angrimani Sobrinho afirma que “a linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto, uma linguagem editorial ‘clichê’” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p.16). Sendo assim, a linguagem utilizada nesse gênero é construída de modo que o público se sinta parte da narrativa; portanto, o uso de expressões como “você não vai acreditar” ou “você

nunca viu coisa igual” são usadas para atrair a atenção e fazer com que o público se envolva com a história.

Angrimani Sobrinho ainda salienta que muitos comentaristas de programas sensacionalistas (sejam repórteres ou os próprios apresentadores) mostram a sua indignação quanto ao problema que está apresentando, proferindo frases de efeito e, por vezes, desafiando criminosos. Essa “revolta” programada do comentarista é usufruída “por procuração”⁴ pelo público. O comentarista diz aquilo que o ouvinte gostaria de dizer para o criminoso. “Isso dá mais satisfação ainda aos ouvintes que sentem inveja da coragem do comentarista em desafiar um criminoso confesso, um comentarista que obriga o ladrão, o assassino, a depor e contar ‘toda a história’” (ANGRIMANI SOBRINHO, 1995, p.40).

Dessa forma, o público se sente parte da narrativa, acompanhando o caso como se estivesse presente no momento do fato ou como alguém íntimo dos personagens da história, se emocionando ou se indignando diante da situação apresentada. E assim, novamente, nos levamos pelas narrativas triviais, enxergando naquela situação algo que falta na realidade. Quando o comentarista clama por justiça, atribui para si a figura do herói, defendendo a ordem e a lei. Porém, para Kothe, essas narrativas servem apenas para iludir, pois assim se tem saciado o sentimento de impotência:

Essas narrativas procuram realizar na ficção o que normalmente não ocorre na sociedade. Elas iludem, não esclarecem. Existem para que o *status quo* se mantenha, fingindo, como um baú da felicidade, a possibilidade de soluções individuais para problemas que não são individuais. Um caso resolvido finge resolver o problema de todos. A coletividade é convidada a sonhar se identificando com a solução de um caso. São loterias narrativas, às quais as pessoas aderem por não terem outra alternativa (KOTHE, 1994, p.162).

O autor ainda completa apontando que, com as narrativas triviais, a mídia tem o intuito de entreter e, assim, conquistar a audiência, significando mais lucro. Desta forma, toda a construção narrativa é feita para prender a atenção, nem que para isso seja necessário “sensacionalizar”. Angrimani Sobrinho salienta que nem sempre os

⁴ Associamos aqui ao conceito de projeção apresentada anteriormente. Segundo estudos psicanalíticos, o público se satisfaz por meio do outro.

elementos do “chocante” e do “sensacional” estão presentes na história e, portanto, é preciso usar a criatividade para incorporar elementos que causem emoção.

Em alguns casos, pontos da história são exagerados, distorcidos ou adicionados com o intuito de gerar uma carga sensacional em fatos não tão sensacionais. Por vezes, também, existe a construção ficcional de um caso, como é o exemplo exposto por Angrimani Sobrinho sobre o “bebê diabo”. A falta de assunto para o editorial fez com que um jornalista desenvolvesse uma crônica que acabou gerando uma comoção por parte do público, se tornando uma lenda em que muitos acreditavam ser real.

O autor discorre que o sensacionalismo busca evidenciar três elementos dos *fait divers*, quais sejam, a morte, a violência e os tabus. Portanto, ao se deparar com os fatos, as coberturas jornalísticas procuram dar destaque a esses três elementos, incorporando-os diversas vezes em suas narrativas. Marcondes Filho compartilha dessa ideia, apontando que sangue, sexo e escândalos compõem o conteúdo da imprensa (MARCONDES FILHO, 1986), ou seja, o importante é a tragédia e não o seu contexto.

No Brasil essa prática jornalística se tornou conhecida por meio dos jornais impressos que, desde o século XIX, já apresentavam reportagens com chamadas sensacionalistas. O avanço da tecnologia, que permitiu realizar impressões de jornais com maior rapidez e inserir fotografias com maior facilidade, abriu caminho para novas formas de produzir conteúdo jornalístico. O uso de imagens de cenas de crimes, incluindo fotos de vítimas já sem vida, passou a ser prática comum.

Ao analisar as reportagens sensacionalistas do início do século XX é possível perceber que a exploração de imagens de tragédia já era presente naquela época. Inclusive, as primeiras reportagens sensacionalistas apresentavam imagens muito mais perturbadoras do que atualmente. A *Revista da Semana*, uma das publicações com maior vendagem no Brasil à época, possuía publicações repletas de imagens mórbidas e de notícias baseadas em *fait divers*. Um dos exemplos foi a reportagem chamada “Tentativa de assassinato”, mostrando uma fotografia de um ataque sofrido pelo Coronel Horácio. A fotografia prometia apresentar um flagrante de um crime, porém, devido às tecnologias da época, ficou evidente que a foto não passava de uma encenação, ou seja, a imagem foi montada como um recurso para chamar a atenção e escandalizar o público.

Com o passar do tempo e o avanço das tecnologias na imprensa, o

sensacionalismo alcançou novas formas de serem consumidas. Antigamente, as fotografias realistas sobre um assassinato estampavam as folhas dos jornais e revistas; hoje em dia, as imagens são transmitidas ao vivo pelas redes de televisão, além de poder ser acompanhada também pela internet com uma velocidade ainda mais assustadora. Não significa, porém, que esses fatos deixaram de ser noticiado nos impressos de todo mundo, afinal, eles ainda estampam folhas de jornais e revistas. Como exemplo, Susan Sontag analisa uma sequência de três fotos produzidas pelo fotógrafo Tyler Hicks sobre o assassinato de um soldado talibã que estampava uma das páginas do *New York Times*: “é necessária uma vasta reserva de estoicismo para percorrer as notícias de um grande jornal a cada manhã, dada a probabilidade de ver fotos capazes de nos fazer chorar” (SONTAG, 2003 p.17). O fato é que, com o acesso à tecnologia, uma foto que antes estava limitada a um grupo de leitores, agora chega facilmente à grande parte da população.

Ao realizarmos uma rápida consulta no buscador *Google* com a palavra “assassinato” encontramos imagens bastante realistas sobre diversos crimes. São imagens dignas de arquivos policiais, com visões privilegiadas de cadáveres, corpos mutilados e muito sangue. Além disso, existem diversos sites especializados em armazenar imagens de tragédias e pessoas mortas, principalmente, de celebridades. Com isso, percebemos que o fascínio por esse tipo de situação é mais comum do que se imagina. Porém, não é preciso realizar uma busca com termos específicos sobre morte, dor ou sofrimento na internet ou acessar um site especializado sobre o assunto para termos acesso a esse tipo de conteúdo. As imagens mórbidas nos encontram, mesmo quando não a procuramos.

A partir da década de 1990 houve um crescente aumento dos programas jornalísticos tidos como “Reportagem Policial”. Esse tipo de programa ainda faz muito sucesso no Brasil, explorando crimes e tratando-os como espetáculos dignos de serem apreciados. Um dos precursores desse estilo foi o jornal popular *Aqui Agora*, transmitido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). De acordo com Vicki Mayer (2006), o *Aqui Agora* foi uma importante fonte de notícias nos anos noventa, sendo “repleto de notícias curtas, acidentes de carro e reconstituição de crimes hediondos” (MAYER, 2006, p.17), ou seja, os *fait divers* eram o combustível do jornal. Nessa mesma direção, diversos outros programas começaram a surgir tendo o *Aqui Agora* como uma fonte de inspiração. Os mais conhecidos atualmente são o *Brasil Urgente*, transmitido pela Rede Bandeirantes, e o *Balanço Geral*, transmitindo

pela Rede Record de Televisão.

Porém, não são apenas os programas especializados em *fait divers* que chamam a atenção pelo uso do sensacionalismo. Alguns programas utilizam o mesmo recurso para atrair a audiência e ganhar a atenção do público. Nos últimos anos, os programas conhecidos como “programas de auditório” passaram a preencher quase toda a grade da programação dominical da televisão aberta. Com a concorrência, as emissoras precisam criar estratégias para atrair a atenção do público, evitando a perda de audiência. Para tanto, o uso do sensacionalismo se tornou uma das principais armas desse tipo de programação, fazendo verdadeiros espetáculos baseados nas tragédias humanas.

Nesse sentido, podemos retomar o pensamento de Baudrillard de que “a infelicidade, a miséria, o sofrimento dos outros tornaram-se a matéria-prima e a gênese” (BAUDRILLARD, 1999, p.14). E assim, a cada domingo, acompanhamos uma nova história de muito sofrimento e dor de alguém que, com muito esforço, tem a sua vida completamente modificada graças ao programa que oferece ao convidado prêmios, reencontros e/ou momentos de beleza que prometem transformar a sua vida. Conforme exposto por Luara Krasnievic, Pricila Aparecida Aita e Caroline Casali (2001, p.1), “a atenção do telespectador brasileiro tem sido mantida muito mais por shows de luzes, sons, cores, choros e súplicas do que pela relevância do conteúdo narrado na televisão”, ou seja, hoje em dia, vale muito mais o drama do que o conteúdo.

Com esses comentários concluímos nossa reflexão a respeito do processo de espetacularização e do sensacionalismo. Com o mundo espetacular, a tragédia se tornou sensacional. Nesse sentido, percebemos que o assassinato de Isabella Nardoni se apresentava como um alvo interessante para a mídia, pois apresentava todos os elementos que o sensacionalismo gosta de explorar.

3. O CASO ISABELLA NARDONI

No dia 29 de março de 2008, a menina Isabella Nardoni passava o final de semana com o seu pai e sua madrasta em um apartamento do prédio Edifício London - localizado na Rua Santa Leocádia, número 138, em São Paulo - para o qual haviam recém mudado. Às 23 horas e 49 minutos daquele dia, Isabella foi encontrada deitada no pátio do referido prédio, aparentemente caída de uma das janelas do apartamento. As circunstâncias para tal acontecimento ainda eram desconhecidas e nenhuma notícia veiculada sobre o fato mencionava as causas da queda de Isabella. Assim, todo o mistério se transformou em curiosidade e o Brasil se sensibilizou com toda aquela situação, passando a acompanhar o trágico acontecimento.

A primeira matéria divulgada sobre o caso dava conta de que o apartamento no qual a menina se encontrava havia sido invadido por um ladrão e que este havia jogado a criança pela janela do prédio. Essa versão foi apresentada pelo pai da menina, Alexandre Nardoni, que no momento da chegada da polícia no local do crime informava que ainda havia alguém no prédio. De acordo com os relatos da escritora e criminologista Ilana Casoy, descritos no livro *Casos de Família* (2016)⁵, o pai de Isabella se mostrou preocupado com um possível ladrão, informando que o apartamento havia sido arrombado e que, possivelmente, o autor do crime ainda estaria no local.

Porém, após algumas investigações iniciais, ficou constatado que a versão apresentada pelo pai não estava condizente com a cena do crime. A partir de então, o Brasil foi surpreendido com uma notícia que chamou a atenção de todos: o pai e a madrasta passaram a ser suspeitos pelo assassinato de Isabella. Os primeiros vestígios de contradição nas narrativas de Alexandre Nardoni e de Anna Carolina Jatobá foram detectados pelos investigadores na mesma noite do crime. Ao adentrarem no apartamento da família Nardoni, os policiais logo identificaram que o apartamento não apresentava sinais de arrombamento e, apesar da aparente desorganização, as gavetas não estavam reviradas nem as portas dos

⁵ Reconhecemos as limitações de tal produção, tendo em vista se tratar de um livro com características de *best seller*. Porém, optamos por utilizá-lo devido o importante resgate histórico do caso e o acompanhamento do julgamento realizado pela autora, apresentando documentos oficiais da equipe de investigação.

armários abertas, o que poderia indicar que alguém estivesse à procura de algo valioso. Além disso, a tela de proteção da janela da qual a menina Isabella caiu havia sido cortada, indicando que a situação foi preparada intencionalmente para defenestrar a criança.

Após as investigações e análises técnicas foram encontrados marcas de sangue de Isabella espalhadas em alguns pontos do apartamento. Casoy (2016, p.346) aponta que, segundo a perita do caso Rosangela Monteiro, aquelas marcas mostravam sinais de tentativa de remoção, ou seja, alguém havia tentado limpar o local. Além disso, a perícia constatou que, devido às marcas deixadas pelo respingo do sangue no chão, a criança estaria a uma altura superior à de sua própria estatura, ou seja, os respingos aparentavam ter caído de uma altura de 1,25 metros, porém Isabella tinha apenas 1,10 metro. A altura de 1,25 era compatível com o de Alexandre carregando Isabella no colo, de acordo com a perícia. No carro da família também foram encontradas marcas de sangue da menina, indicando que ela poderia ter sido ferida antes mesmo de entrar no apartamento. A delegada que conduziu o inquérito explicou que Isabella tinha marcas na testa e na perna e que, provavelmente, as marcas de sangue deixadas no carro e no apartamento eram destes ferimentos, principalmente, o da testa.

Além disso, outro fato chamou a atenção da delegada: uma fralda em processo de lavagem. Conforme descrito por Casoy, a delegada afirma que “a peça chamou a atenção dos peritos porque todo o local havia roupas sujas, jogadas para serem lavadas, mas apenas a fralda estava em processo de lavagem” (CASOY, 2016, p.322). Nessa fralda os peritos identificaram uma mancha muito semelhante à de sangue e, com isso, acreditaram que tal peça tinha sido usada para estancar o ferimento da testa de Isabella e, para encobrir, tentaram lavá-lo.

Casoy (2018, p.335) descreve que o médico legista responsável pelo exame de Isabella, doutor Paulo Sérgio Tieppo Alves, constatou que o corpo da menina apresentava sinais de sufocamento e estrangulamento, concluindo que a criança havia sido agredida antes de cair da janela. O doutor Paulo Sérgio também localizou uma fratura na região pélvica e outra no seu pulso. De acordo com o médico, esse tipo de fratura é condizente com um tombo de alguém que cai sentado, apoiando seu peso sobre as mãos, fraturando assim seu pulso. Ao ser questionado se tal ferimento poderia ter sido ocasionado pela queda da janela, o doutor afirmou que a lesão seria correspondente a uma altura menor do que a da janela. Além disso,

havia uma adesão de força nessa queda, condizente com a de um adulto jogando a criança no chão, imputando alguma força nesse ato.

Com todas essas análises realizadas pelos médicos legistas, ficou constatado que a versão do casal Nardoni não correspondia com a realidade. Isabella havia sido agredida na testa, asfixiada e jogada ao chão. Porém, essas marcas não davam conta da principal suspeita: como Isabella caiu da janela e quem a jogou? Essas respostas começaram a ser respondidas com as análises realizadas nas vestimentas de Alexandre Nardoni e com a análise das ligações realizadas para a polícia e para o corpo de bombeiros na noite do crime.

Casoy continua sua descrição dos fatos afirmando que as marcas encontradas na camiseta de Alexandre foram os primeiros vestígios que indicavam que o pai era o responsável pela queda de Isabella. De acordo com a delegada, Renata Pontes, a camiseta apresentava marcas compatíveis com a da tela da janela, indicando que Alexandre havia pressionado seus ombros contra a tela. Na perícia, se constatou que essas marcas só seriam possíveis de serem feitas se Alexandre estivesse com algum peso em suas mãos, apoiando algo pela janela.

Outro ponto importante para se chegar às conclusões foi a reconstituição realizada pela perícia dos horários e dos conteúdos das ligações feitas para o Centro de Operações da Polícia Militar (Copom) e para o corpo de bombeiros, solicitando ajuda. A primeira ligação realizada foi às 23 horas, 49 minutos e 59 segundos. Nessa ligação feita por um morador do prédio, senhor Lúcio, a informação era de que uma menina havia caído do sexto andar. Essa identificação só foi possível porque Alexandre já estava ao lado da menina caída no chão (Lúcio não conhecia Isabella, somente reconheceu Alexandre, por isso definiu que a menina havia caído do sexto andar). Porém, conforme consta no rastreador do carro da família, o mesmo só foi desligado às 23 horas, 36 minutos e 11 segundos configurando um tempo de menos de 13 minutos entre a chegada da família ao prédio e a primeira ligação em busca de ajuda. Esse tempo seria insuficiente para Alexandre pegar Isabella, deixá-la na cama, tirar seu sapato, descer novamente, pegar os outros filhos, subir para seu apartamento, procurar por Isabella que já não estava mais na cama, constatar que ela havia caído e descer novamente.

O promotor Francisco Cembranelli afirmou que, pelos horários, as afirmações de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá não estavam compatíveis com a

logística da situação e que, então, Alexandre estaria no apartamento no momento em que Isabella sofreu a queda e Anna Carolina teria continuado no apartamento após o marido descer para ver a filha. Por sua vez, o promotor apontou que Anna Carolina teria tentado esconder as marcas de sangue de Isabella pelo chão do apartamento enquanto telefonava para o sogro, e depois para o pai, em busca de auxílio.

Um fato que causou estranhamento nos investigadores foi de que, nem Alexandre e nem Anna Carolina telefonaram para a emergência; ao invés disso, Anna Carolina ligou para seu pai e seu sogro que, coincidentemente, é advogado. Todas as ligações realizadas para o Copom e o corpo de bombeiros foram realizadas por vizinhos e pelo porteiro. Questionados sobre esse fato, ambos afirmaram que, no momento, não pensaram em ligar para a emergência e que o costume da família era, diante de alguma situação complicada, entrar em contato com o senhor Antônio, pai de Alexandre.

Depois de todas as etapas de investigação e de realização dos inquéritos, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá foram formalmente acusados como os responsáveis pelo assassinato de Isabella Nardoni. O processo tramitou por quase dois anos até que em 22 de março de 2010, faltando apenas uma semana para completar dois anos da tragédia, os dois acusados foram a julgamento. Naquele momento, o Caso Isabella Nardoni já havia sido (relativamente) esquecido, enquanto outras tragédias ganhavam os noticiários televisivos e da imprensa escrita, afinal, já havia se passado dois anos. Porém, devido à realização do julgamento, a família Nardoni voltou aos holofotes da mídia e a sociedade voltou a acompanhar os novos capítulos dessa “novela”.

Diante de todas as evidências apresentadas, o júri concluiu que Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá foram responsáveis pela morte de Isabella Nardoni. O pai foi condenado a 30 anos de prisão e a pena para a madrasta foi de 26 anos. Coincidentemente, o tempo de pena atribuído a cada um dos réus correspondia às suas respectivas idades, e que foi assim comentado por Casoy (2016, p.468): “Cada réu condenado ao tempo de prisão equivalente à sua idade, como se ambos tivessem que viver com a pena pelo mesmo tempo que viveram livres dela”. Uma retratação cômica da condenação do casal pode ser verificada na charge abaixo (figura 4).

FIGURA 4



Fonte: Blog do Nerix. Publicada em 28 de março de 2010. Autor: Atorres

Disponível em: <<http://felippeneri.blogspot.com/2010/03/julgamento-do-casal-nardoni-alugou.html>>.

3.1 ISABELLA: “SANGUE E CIRCO”

O Caso Isabella Nardoni teve também uma versão fantasiosa, quase novelesca, na qual a imprensa brasileira explorou a imagem e os enredos do fato para construir uma trama.

Logo nas primeiras manchetes, já era possível perceber que o Caso Isabela seria um fato de grande repercussão. Na noite do crime, o Copom recebeu dezenas de ligações referentes ao acidente, pois muitos vizinhos ouviram o barulho e, em busca de ajuda, telefonaram para as unidades de emergência. Devido à quantidade de ligações, a imprensa se aglomerou em frente ao prédio da família Nardoni, logo nos primeiros minutos do fato. As reportagens informavam que Isabella Nardoni havia caído do prédio e que a família havia sido assaltada, mas ainda não se sabia os detalhes do que havia ocorrido.

Durante o programa *Fantástico* exibido na noite do domingo - dia 30 de março de 2008 - o apresentador Zeca Camargo anunciou que uma menina de cinco anos havia sofrido uma queda do sexto andar de um prédio. Ou seja, menos de vinte e quatro horas da queda de Isabella, a *Rede Globo* já informava o caso em rede nacional. Na mesma reportagem, o apresentador indicava que ainda não havia informações concretas sobre as circunstâncias que haviam levado à morte da menina.

Na manhã de segunda-feira, dia 31 de março de 2008, o jornal *Folha de S.*

Paulo - jornal impresso de maior circulação no Brasil - também noticiou a morte da criança. Com a manchete “Menina morre após cair de prédio em SP”, o jornal trazia as informações do episódio, bem como fotos de Isabella, do prédio, do pai e da madrasta. Em um trecho da matéria, é possível identificar que os investigadores já não acreditavam mais em um acidente.

O delegado Calixto Calil Filho, do 9º DP (Carandiru), afirmou não ter dúvida de que se trata de um crime, mas ainda não sabe apontar o autor. ‘Ela [Isabella] não sofreu uma queda acidental. Alguém rompeu a tela da janela e jogou essa criança. É impossível uma criança de cinco anos cortar a tela e se jogar’ (FOLHA DE S. PAULO, 2008).

Em outro trecho, o jornal aponta que, segundo Calil Filho, haviam sido encontradas marcas de espancamento na criança: “[...] a camiseta da garota estava rasgada nas costas e há indícios de que ela fora espancada” (FOLHA DE S. PAULO, 2008). Porém, até aquele momento, todas as reportagens tratavam o caso como homicídio, apontando que o apartamento havia sido invadido por um terceiro e que Isabella havia sido defenestrada por essa pessoa. Inclusive, nesta mesma reportagem, Calil Filho afirma que o pai e a madrasta não eram considerados suspeitos, embora a versão apresentada pelo pai não fosse convincente. Assim, o casal Nardoni seguia prestando declarações, mas ainda sem carregarem a culpa pelo ocorrido, tanto que durante o funeral da menina a mãe de Isabella, Ana Oliveira, defendeu a madrasta e o pai de qualquer acusação. Inclusive, as famílias estiveram juntas para tentar barrar a especulação da imprensa, já que todos queriam filmar o velório de Isabella.

O jornalista Rogério Pagnan (2018) relembra que equipes de TV tentavam registrar momentos do funeral utilizando imagens aéreas de helicóptero e que alguns repórteres tentaram entrar se passando por amigo da família, escondendo os equipamentos de filmagem. Com a especulação, Ana Oliveira, mãe de Isabella, decidiu deixar o caixão fechado para preservar a imagem da filha. Naquele momento, o assédio era tanto que privou a família de ter os últimos contatos com a menina.

Andréa Gama Piana (2010) aponta que a grande curiosidade acerca da morte de Isabella Nardoni pode ter tido várias causas: envolvimento de uma família de classe média, a quantidade de pessoas que viram Isabella caída no edifício e o

grande número de ligações para resgate e até a crueldade envolvendo a morte, já que se tratava de um pai matando a própria filha. A indignação, combinada com a transformação do caso em trama novelística, foi bem retratada pela charge abaixo (figura 5).

FIGURA 5



Fonte: *Blog Tinta China*. Publicada em 22 de abril de 2008. Autor: Tacho

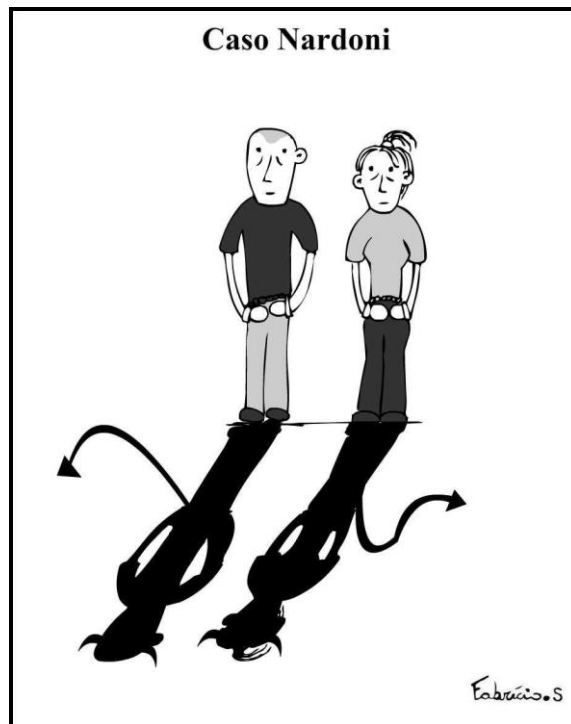
Disponível em: < <http://contra-o-dito.blogspot.com/2008/04/caso-isabella- virou-novela-doentia.html>>.

Como havia muitas informações desencontradas e muitos problemas envolvendo a composição das investigações, a imprensa se tornou o júri do caso, investigando cada passo do pai e da madrasta e encaixando as peças do quebra-cabeça. Esses problemas já se iniciaram com a equipe que montaria a investigação na polícia. Conforme lembrado por Pagnan (2018), o investigador do caso, Augusto Peña, estava sendo acusado de extorquir o enteado, conhecido como Marcola, caso que, na época, também havia repercutido com certo destaque na mídia. Além disso, a família Nardoni teve muitos problemas para organizar a sua equipe de advogados. Primeiramente, quem iniciou o caso foi o advogado Ricardo Martins; depois, a família solicitou que outro advogado participasse da equipe, mas por problemas de relacionamento entre os dois profissionais o último foi retirado do caso. A partir de então, quem passou a tomar conta da defesa da família foi o advogado Roberto Podval. Com tanto tumulto, a imprensa acabou tomando as rédeas de algumas investigações e tentava “solucionar” o caso por conta própria.

Devido a tantas especulações, a situação passou a ganhar ares de ficção, com capítulos cheios de tramas e detalhes, com um enredo digno de prender a

atenção de qualquer telespectador. Por causa desta construção, logo nos primeiros episódios a imprensa, assim como o público, já havia elegido os antagonistas, pai e madrasta, que passaram a ser os vilões da história. Uma construção maniqueísta entre o bem e o mal, como bem representada nessa charge (figura 6).

FIGURA 6



Fonte: *Folha do Vale do Sapucaí*. Publicada em 01 de abril de 2010. Autor: Fabrício. S
Disponível em: < <https://ospredeterminados.wordpress.com/2010/04/01/135/>>.

A esse respeito, o caso mais conhecido veio da revista *Veja*. Em muitas de suas reportagens a revista informava como certa a participação do pai e da madrasta no assassinato da menina. No dia 9 de abril de 2008, apenas 11 dias após o dia da morte, a revista publicou uma reportagem em que apresentava o seguinte título “O anjo e o monstro”. Como se sabe, naquele momento ainda não estava confirmada a participação do pai de Isabella em sua morte, pois as investigações ainda estavam em andamento. Nesse ponto, é interessante verificar a escolha das palavras para a manchete: “o anjo” e “o monstro” que remete ao imaginário de uma construção ficcional, como uma fábula ou uma novela.

Na capa da referida edição é possível ver um grande olho, com traços ameaçadores e, em sua íris, o reflexo da imagem de Isabella. O título apresenta “O Mal”, termo que também apresenta forte carga simbólica e arquetípica. Conforme

análise apresentada por Piana (2010), tal capa apresenta uma construção polarizada, apresentando a divisão do bem (a menina) e do mal (os olhos ameaçadores). Uma divisão muito utilizada nos diversos enredos ficcionais ou narrativas triviais, conforme exposto por Kothe (1994), no qual o mal ameaça o bem, e o bem vence o mal. Assim, a romantização do caso já começa a ser vista na mídia. Além disso, é possível ver o posicionamento da revista, apontando claramente que ela acreditava que o pai da menina estava envolvido com a morte de Isabella.

Porém, a situação mais emblemática ocorreu na edição 2057 da referida revista, datada de 23 de abril de 2008. Na capa, a *Veja* apresenta uma fotografia de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá; logo abaixo da imagem é possível ler as inscrições em letras garrafais “Foram eles”. Acima desse título consta a legenda “para a polícia, não há mais dúvida sobre a morte de Isabella”.

Nessa reportagem, a revista afirma que o casal era culpado pela morte da menina. Conforme descrição de Piana, a matéria apresentou polêmica ao escolher esse título. A autora também informa que no decorrer do texto a revista afirma que Alexandre e Ana Carolina combinaram de jogar Isabella para tentarem encobrir o que acreditavam ser um assassinato, já que o casal acreditava ter matado Isabella durante as agressões que iniciaram ainda dentro do carro da família. Assim, a *Veja* apresenta uma narrativa bastante contundente em relação à participação dos dois:

O ‘monstro’ que matou a menina Isabella e que seu pai, Alexandre Nardoni, em carta divulgada à imprensa prometeu não sossegar até encontrar estava, afinal, diante do espelho. E a mulher que também em carta afirmou ser a criança ‘tudo’ na sua vida, ajudou a matá-la com as próprias mãos (VEJA *apud* PIANA, 2010, p.58).

Essa reportagem, assim como a respectiva capa, ficou conhecida pelo sensacionalismo empregado e também pela condenação prévia dos réus. O julgamento ainda não havia ocorrido e como os investigados seriam submetidos a júri popular o que se especulava era que tal informação pudesse comprometer o andamento do julgamento. Conforme exposto por Claudio José Amaral Bahia e Ana Carolina Pedutti Abujamra (2008, p.76), “a imprensa possui tamanho poder, a ponto de, em nome da liberdade de expressão e informação, devassar (e romancear) a vida de alguém”. E foi justamente o que ocorreu: as vidas dos envolvidos foram tanto devastadas como romanceadas. De acordo com uma entrevista concedida pela irmã de Alexandre, Cristiane Nardoni, para o jornalista Rogério Pagnan, os filhos dele

com Anna Carolina Jatobá não puderam mais utilizar os sobrenomes Nardoni e Jatobá, devido à especulação, sendo obrigados a utilizar o Oliveira (um dos sobrenomes da mãe). O pai de Alexandre comenta que as crianças vivem reclusas e possuem poucos amigos na escola. Afirma o referido autor: “a série de reportagens negativas era tão intensa que até o então presidente da República, Luiz Inácio da Silva, pediu cuidado à polícia na condução das investigações” (PAGNAN, 2018, p.153).

Como podemos constatar, a mídia possui o poder de influenciar a vida de alguém, até mesmo de influenciar os rumos da sociedade. Um dos exemplos mais memoráveis é referente à disputa eleitoral de 1989, na qual a Globo, recentemente, assumiu ter produzido uma manipulação no tratamento noticioso do último debate do segundo turno das eleições entre os então candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Melo. Como de conhecimento, Collor venceu as eleições e implantou as bases do projeto neoliberal no Brasil.

No que tange a influência no rumo da vida privada de um indivíduo, os exemplos são diversos. Provavelmente, o episódio de maior conhecimento é o da Escola Base, em 1994. Os empresários Icushiro Shimada, conhecido como Ayres, e sua esposa Maria Aparecida Shimada, proprietários da escola, assim como dois colaboradores, Paula Alvarenga e Maurício Alvarenga, foram acusados de cometer abusos sexuais contra estudantes daquela instituição educacional. De acordo com Alex Ribeiro (2003), a imprensa passou a noticiar o fato sem as devidas apurações, causando grande repercussão. Com o tempo, os envolvidos passaram a ser acusados veementemente, como se, de fato, tudo tivesse sido apurado e que eles, sem dúvida, eram culpados de cometerem crimes sexuais. Ao final do processo, nada foi provado contra eles e todos os acusados foram inocentados, porém o estrago feito pela mídia foi irreversível e os envolvidos sofrem até hoje as consequências. Ribeiro relembra que a Rede Globo e outras emissoras foram obrigadas a pagar indenizações ao casal Shimada e Alvarenga.

O *Observatório Nacional de Imprensa* realizou uma análise comparando o caso de Isabella Nardoni com o caso da Escola Base. O artigo publicado no dia 02 de abril de 2008, apenas quatro dias após a morte da menina, já mostrava que a mídia estava se precipitando em acusar o casal em um momento tão inicial das investigações. O repórter Luiz Antonio Magalhães ilustrou seu artigo com a capa do jornal *Diário de S. Paulo* - que, na época do caso Escola Base, chamava-se *Diário*

Popular e foi o único jornal a se recusar a noticiar o fato reconhecendo que poderia ser apenas boatos - mostrando que, no caso de Isabella Nardoni, o jornal não pensou duas vezes ao expor em uma de suas capas uma matéria tendenciosa culpando Alexandre Nardoni. No título se lê a frase “Pára, pai! Pára, pai!”, em letras garrafais. Essa frase foi divulgada por uma testemunha que diz ter ouvido essa frase sendo dita por uma criança, momentos antes da queda de Isabella. Porém, naquele momento não era possível afirmar se tal frase teria sido dita por Isabella ou por um de seus irmãos; até hoje, mesmo depois das investigações, ainda não confirmaram tal questão. Portanto, expor essa frase, apenas quatro dias após o fato, ainda mais sem provas concretas, se mostrava extremamente irresponsável, pois tal informação continha um caráter acusatório muito explícito contra Alexandre. Magalhães assim concluiu esse procedimento adotado pelo referido jornal:

O Diário de S.Paulo apostou todas as suas fichas em uma hipótese, a de que o pai de Isabella está envolvido na morte da filha. Se ele de fato estiver, o jornal tripudiou sobre um assassino. Se não estiver, acabou com a vida de um homem inocente. O bom jornalismo poderia evitar este tipo de atitude intempestiva. Ao que parece, a lição da Escola Base já começou a ser esquecida. (MAGALHÃES, 2008).

Ou seja, como podemos perceber, a mídia pode influenciar os andamentos de uma investigação e os rumos de um processo, e que, portanto, tanto a revista *Veja*, quanto o jornal *O Diário de S. Paulo*, ao realizarem matérias tendenciosas antes do julgamento do casal Nardoni, agiram com um comportamento jornalístico considerado antiético.

Vargas Llosa (2013) afirma que esse tipo de abordagem da imprensa é um reflexo da sociedade do espetáculo, pois, para o autor, a civilização do espetáculo é aquela na qual, em nome do entretenimento, os seus atores reivindicam a exposição da vida privada produzindo a “banalização da cultura, generalização da frivolidade e, no campo da informação, a proliferação do jornalismo irresponsável da bisbilhotice e do escândalo” (LLOSA, 2013, p.19). O autor ainda completa que esse tipo de atitude, antes associada a um jornalismo marginal, vem ganhando cada vez mais espaço na mídia e que, se justificando no discurso do direito à liberdade de expressão, atua apenas para entreter e satisfazer a curiosidade humana, e não com o intuito genuíno de trazer informações relevantes à sociedade.

De acordo com Léia Cruz Menezes (2012), que realizou um estudo sobre a utilização de metáforas na divulgação do caso Nardoni, muitos dos comentários realizados pelos que tomavam conhecimento do caso, por meio da atuação da mídia, associavam a exposição exagerada com programas ficcionais de televisão ou com o *reality show Big Brother Brasil*, conhecido popularmente como BBB. Esse programa é conhecido por filmar o cotidiano de pessoas anônimas (que, ao final do programa, se tornam celebridades, mesmo que de forma passageira) e expô-lo na televisão. Essa exposição reflete o pensamento da sociedade do espetáculo, na qual, conforme apontando por Llosa, a vida privada não existe mais.

Continuando nos estudos de Menezes, um dos comentários estudados pela autora afirmava que todo o caso de Isabella estava “uma zorra total”, fazendo alusão ao programa de entretenimento da Rede Globo. “Como o próprio nome avisa ao telespectador, a proposta do humorístico é ser uma grande bagunça, geradora de entretenimento pelo inusitado” (MENEZES, 2012, p.199), ou seja, é o reflexo do “jornalismo pelo entretenimento”. Em outro comentário, a autora afirma que o caso Isabella se assemelha a um “BBB Bizarro”, fazendo uma crítica aos promotores que, por diversas vezes, foram na frente das câmeras para dar depoimentos que tornavam o caso ainda mais especulativo.

Algumas das análises apresentadas por Menezes também associavam o caso Isabela Nardoni, tanto no que se refere à atuação da mídia como aos envolvidos, com produções fílmicas. Um dos comentários salienta que “transformaram essa tragédia no “*maior espetáculo da terra*” (2012, p.201). Conforme analisado pela autora, essa afirmação faz referência ao filme *The Greatest Show on Earth*, de 1952, em que as vidas dos artistas do circo Ringling Bros. e Barnum & Bailey Circus são apresentadas e carregadas de drama e de mistério. Outro comentário era de que a história contada “é bastante inverosímil (*sic*) [...] nem nos mais elocubrados (*sic*) *trilers americanos de serial killers*” (MENEZES, 2012, p.204).

A repercussão do caso foi extensiva. Segundo levantamento realizado por Piana (2010), o caso foi o crime que obteve maior repercussão midiática e o que mais rendeu capas de revistas no Brasil, sendo que, contabilizando somente as capas das revistas jornalísticas de maior circulação na época (Veja, IstoÉ e Época), foram dez no total. Nenhum outro caso havia rendido tantas capas. Piana aponta ainda que a cobertura do caso Isabella obteve aproximadamente 25% do horário total dos principais telejornais do país.

O Caso Isabella Nardoni foi tão marcante que ganhou uma página exclusiva no site oficial da Rede Globo de Televisão. Em uma página denominada *Memória Globo*, a emissora dedicou uma sessão exclusiva para o caso Nardoni, apontando todos os principais fatos sobre o assassinato da menina. Além disso, na página destinada ao programa *Jornal Nacional*, ainda no *Memória Globo*, o Caso Isabella Nardoni consta como destaque dentre as reportagens produzidas pelo jornal na década de 2000, seguida das matérias sobre o atentado de 11 de setembro de 2001 e a Copa do Mundo em 2002. Conforme levantado por Pagnan (2018), em uma única edição do *Jornal Nacional* o programa chegou a dedicar mais de 15 minutos de reportagem sobre Isabella, tempo equivalente a 37% do tempo total de sua programação diária.

O caso Nardoni foi uma festa para as TVs, principalmente para os programas jornalísticos populares. Rendeu audiência durante meses e meses, porque sempre havia um desdobramento, uma notícia nova da polícia. A reconstituição do crime pela polícia foi tratada como grande evento, com entradas ao vivo, imagens de helicóptero, câmeras seguindo o trajeto dos acusados no trânsito. Até a Globo cobriu o caso exaustivamente em seus jornais populares (CASTRO *apud* PAGNAN, 2018, p.113).

Inclusive, Pagnan aponta que um dos jornalistas do *Jornal Nacional*, Cesar Tralli, assistiu ao julgamento de Alexandre Nardoni e Ana Jatobá ao lado do advogado de defesa da família, Roberto Podval, tomando o espaço do advogado Ricardo Martins, que foi impedido de entrar ao fórum, pois não havia lugar para ele se sentar. Pagnan informa que Tralli ocupou o lugar por decisão dos próprios advogados. Depois do julgamento, o repórter fez uma entrada ao vivo no *Jornal Nacional* passando as informações do processo. Ou seja, até mesmo os próprios envolvidos davam aval para a imprensa explorar o caso, cedendo espaço de um dos advogados para um jornalista da *Rede Globo* ocupar, espaço esse que concedia privilégio de informações para Tralli.

Ainda sobre o julgamento, Piana aponta que a Revista *Época* (29 de março de 2010) relatou que, durante os dias de sessões no tribunal, “o entorno do Fórum de Santana mais parecia a Roma antiga, onde o fórum era utilizado para definir o destino da comunidade e onde ‘os acusados de qualquer crime tinham a chance de tentar provar sua inocência diante do júri popular’” (PIANA, 2010, p.62). A autora ainda relembra que a revista descreveu como “momento de catarse” a reação das

peças ao ouvirem que os acusados haviam sido condenados. Assim, resgatamos a relação da tragédia e do teatro grego. Durante os dois anos, entre a morte de Isabella e a condenação do casal, a população via crescendo dentro de si fortes sentimentos em relação ao caso; assim, quando se ouviu a condenação, essa população pode expurgar esses sentimentos acumulados. Era o gozo do povo ao ter certeza de que pai e madrasta assassinaram Isabella.

Na plataforma online do jornal *Estado de S. Paulo*, existem centenas de registros de reportagens sobre o caso. Maria Cecília Guirado e Tiago Petenucci (2009) realizaram um estudo sobre a abordagem do jornal e conseguiram levantar 812 registros do caso, sendo 784 notícias, 26 fotos e dois especiais que resumiam a tragédia. Todos esses registros estão disponíveis no site. Os autores abordam que tais reportagens iam criando um clima de suspense em suas narrativas. A cada dia, os novos desdobramentos do caso construía um novo capítulo da história e, então, o espetáculo passava a pautar o rumo das notícias.

No início da cobertura do caso Isabella Nardoni, o *estadao.com.br* apenas noticiava as linhas de investigação da polícia, os resultados da perícia, hipótese do Ministério Público e a versão dos advogados de defesa. Por influência dos outros meios de comunicação, principalmente a TV, o site passa a valorizar os personagens envolvidos na tragédia. O público não se interessa apenas em conhecer os verdadeiros ou o verdadeiro assassino da criança. É preciso invadir a privacidade da família e de outros personagens presentes na trama (GUIRADO; PETENUCCI, 2009, p.8).

Porém, tal qual uma novela, o Caso Isabella Nardoni precisava ter um desfecho. Esse final foi acompanhado durante o julgamento do pai e da madrasta que, como era de se esperar, também ganhou notória repercussão na imprensa. Assim como no julgamento de Eichmann, o julgamento de Alexandre Nardoni e de Anna Carolina Jatobá também foi montado como um espetáculo. As coincidências entre ficção e realidade, entre novela e vida real estavam, inclusive, entre os que acompanhavam o caso. Ilana Casoy (2016) descreve que se encontrou com a autora de novela Glória Perez no tribunal, durante o julgamento de Alexandre e Anna Carolina.

Glória Perez, em dezembro de 1992, também se viu envolvida em uma situação muito semelhante àquela que se seguia ali: a filha da romancista, Daniela Perez, foi morta pelo seu colega de trabalho, Guilherme de Pádua. Daniela era atriz

e estava trabalhando na novela *De corpo e alma*, exibida pela Rede Globo, quando foi assassinada por Guilherme, seu par romântico na novela. Arbex Jr. (2001) relembra o episódio apontando como o caso marcou o país, principalmente, pelo fato de que, à época de seu assassinato, Daniela Perez estava em atuação na televisão, vivendo o papel de uma personagem chamada Iasmim. Mesmo após a morte da atriz, a Rede Globo continuou exibindo as cenas que Daniela já havia gravado; assim, as pessoas acompanham os capítulos da novela paralelamente aos noticiários sobre o assassinato da atriz. Essa mistura entre o real e o ficcional auxiliou ainda mais na construção sensacionalista do caso. Comenta Arbex Jr.:

Daniela e Iasmim se tornaram um só ser, nem humano nem fictício, algo existente numa espécie de fronteira tênue e difusa entre as duas coisas. Daniela emprestou o corpo e sua aparência a Iasmim, Iasmim tirou Daniela do anonimato e lhe deu uma identidade, um enredo, uma trama na qual as pessoas se espelhavam e se reconheciam (ARBEX JR., p.45).

Na época, o caso de Daniela Perez repercutiu nacionalmente em grande escala. O referido autor relembra que a notícia da morte da atriz fez o *Jornal Nacional* atingir 66 pontos de audiência, enquanto a média era de 55 pontos. Ou seja, todos queriam saber o que havia ocorrido com Daniela e o que ocorreria com Iasmim, já que naquele momento ambas eram uma só. Arbex Jr. ainda afirma que esse caso é dos exemplos de como a mídia pode atuar criando cenários realistas de uma ficção e onde os telespectadores desenvolvem uma intimidade com os envolvidos. “As narrativas dos fatos do mundo assumem uma estrutura e uma lógica próprias de telenovelas” (ARBEX JR., 2001, p.115).

Com Isabela Nardoni a história se repetiu; porém, a menina se tornou personagem dela mesma, perdendo sua real identidade e se tornando vítima da situação. Ao registrar a presença de Glória Perez no júri, a construção novelesca do caso se tornou ainda mais viva. Difícil não associar a autora às suas novelas e ao ocorrido com sua filha Daniela, que também teve sua morte transformada em ficção, de modo ainda mais imperativo, devido às circunstâncias. Vale ressaltar que a visita de Glória Perez no tribunal não se dava em exclusivo pela notoriedade do caso, mas pelo trabalho que a autora realiza apoiando mães que sofrem com a perda de um filho. Casoy (2016, p.346) reforça que Glória Perez permanece ativa em sua luta, inclusive, em casos não tão noticiados pela mídia, como foi o caso da família Nardoni.

Outra telenovela que remete ao Caso Isabella Nardoni é *Vale Tudo*, exibida pela Rede Globo entre 1988 e 1989, com o seu bordão “Quem matou Odette Roitman?” Na novela, tal questão era o enredo que emaranhava toda a trama e, durante os meses que se seguiram, a cada episódio os telespectadores ficavam ainda mais ligados para saber quem seria o culpado. Muitos criavam teorias e davam seus palpites sobre quem seria o assassino. A esse respeito, Arbex Jr. salienta:

O telespectador é então solicitado a tomar partido e sua voz passa a ser auscultada por pesquisas de opinião, que, por sua vez, alimentam um processo reiterativo que sedimenta e reforça preconceitos, consensos, percepções. A partir da ficção -, a televisão é capaz de mobilizar as pessoas, criar debates e forjar um simulacro de participação (ARBEX JR., 2001, p.49).

Quando analisamos este pensamento, percebemos que o mesmo se encaixa para o caso Nardoni. A todo o momento, as pessoas tomavam partido sobre o ocorrido, julgando os pais como culpados. As pessoas se interessavam por essa história, o que fulgurava ainda mais a especulação da mídia. De acordo com um levantamento realizado por Pagnan (2018), o caso fez com que a audiência dos programas policiais subisse até 46% em relação a outras matérias. Foi o caso do programa *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes, que teve sua audiência aumentada nesta porcentagem no período do assassinato de Isabella. Já o programa *Balanço Geral* registrou um aumento de 25% em sua audiência que, embora menor, não deixa de ser um aumento significativo. Segundo o autor, para alavancar ainda mais os números do Ibope, o programa chegou até mesmo a montar uma cama no palco imitando a cama de Isabella Nardoni. “Até o Fala Que Eu Te Escuto, da Igreja Universal, exibido nas madrugadas da mesma emissora (Rede TV) com temas religiosos, chegou a reconstituir o crime com atores” (PAGNAN, 2018, p.112).

Assim, a emoção e a compaixão tomaram conta de quase todos aqueles que acompanhavam a história. Passamos a ver o caso, não com olhos de espectadores, mas como agentes ativos da história: era como se pudesse ligar para a emissora de televisão e escolher o final do episódio, tal qual o programa *Você Decide* exibido pela Rede Globo. Arbex Jr. aponta que esse programa funcionava como um medidor de opinião pública, pois a cada episódio uma questão moral era proposta. A dinâmica do programa era baseada na interação dos telespectadores que

telefonavam para a emissora informando de que forma desejavam que tal episódio terminasse; conseqüentemente, era possível avaliar a opinião pública sobre tal assunto. Portanto, tratava-se de um valioso recurso que poderia “ser empregado na produção de novos telejornais e telenovelas ou vendido a empresas interessadas em utilizar os dados para a produção de mensagens comerciais e campanhas de políticos” (ARBEX JR., 2001, p.49). O mesmo poderia ser realizado com o Caso Isabella Nardoni, já que os fatos haviam se tornado pauta para vários programas de diversas emissoras. Esse contexto foi bem retratado por essa charge (figura 7):

FIGURA 7



Fonte: Blog Lenço Encarnado. Publicada em 26 de março de 2010. Autor: Ivan Cabral
Disponível em: < <http://lencoencarnado.blogspot.com/2010/03/sobre-o-caso-isabella.html>>.

Jean Baudrillard, em sua obra *À sombra das maiorias silenciosas* (1985), salienta que essa ausência que se criou entre o que é realidade e o que é ficção deu à mídia o poder de fomentar uma opinião pública. Ou seja, a mídia incorpora no imaginário social situações que fazem as pessoas desenvolvam opiniões vazias. A esse respeito, afirma Baudrillard:

O povo tornou-se público. É o jogo, o filme ou os desenhos animados que servem de modelos de percepção da esfera política. O povo também aprecia dia-a-dia, como num cinema a domicílio, as flutuações de sua própria opinião na leitura cotidiana das sondagens (BAUDRILLARD, 1985, p.21-22).

Portanto, o julgamento da família Nardoni se transformou em um evento do qual o público queria participar. As redes de televisões montaram grandes estruturas de apoio para acompanharem os dias no tribunal. Até mesmo a polícia incentivou a especulação, dando “ampla publicidade à data, local e horário que tudo se daria. Instalaram até banheiros químicos em frente à unidade policial à espera dos ‘curiosos’” (PAGNAN, 2018, p.157). Além disso, antes do julgamento, quando Alexandre e Anna Carolina foram encaminhados à prisão, em 2008, a polícia ajudou no espetáculo. E mais, no dia da prisão do casal, a polícia havia informado à imprensa que teria preparado uma “surpresinha” para eles. A surpresinha seria a condução dos suspeitos pelas vias de São Paulo em uma viatura sem as películas escuras, dando a condição para os jornalistas realizarem imagens de ambos dentro do carro; ao chegarem ao distrito policial, o casal foi colocado no “porta-malas” da viatura, conhecida popularmente por “chiqueirinho”, e as imagens produzidas dessa situação foram fartamente utilizadas pela imprensa na época.

Nem mesmo o promotor Cembranelli e os advogados do casal escapariam dos holofotes. Pagnan informa que o advogado Roberto Podval foi aclamado como o “advogado do ano”, apesar da derrota nos tribunais. Seu colega, que também atuou no caso, o advogado Ricardo Martins, se tornou comentarista jurídico em programas jornalísticos na TV. O promotor Cembranelli foi um dos que mais se aproveitou da fama obtida com o caso:

O promotor passaria os próximos anos indo a programas de TV para falar do caso Nardoni. Não perderia oportunidade de manifestar sua opinião até mesmo em programas sem caráter jornalístico, como o próprio *A Noite É Uma Criança*, na TV Bandeirantes, que se descrevia como “de humor e entretenimento”, incluindo alguns ensaios de mulheres nuas (PAGNAN, 2018, p.247).

O referido autor ainda completa que Cembranelli esteve em outros programas de entretenimento de pouca credibilidade. Esse comportamento fez com que o Ministério Público (MP) necessitasse criar um manual de comportamento para os seus membros. Pagnan revela que esse “Guia Prático de Relacionamento com a Imprensa” informava que casos de grande repercussão como o Caso Isabella Nardoni acabam gerando alvoroço na imprensa e que os convites para entrevistas em programas sem conteúdo jornalístico deveriam ser avaliados com cautela.

De resto, Cembranelli teve uma relação harmoniosa com a imprensa. Com seu jeito teatral e frases de efeito, passaria a ser tratado como celebridade pelas emissoras de TV e guindado à condição de herói nacional. No início do julgamento, cartazes de manifestantes na porta do Fórum de Santana demonstravam esperança no trabalho do promotor. Não faltaram também declarações de amor e gritos de “lindo” (PAGNAN, 2018, p.248).

Todo o alvoroço e o comportamento da imprensa em relação ao “assédio” sobre o promotor do Caso Isabella Nardoni pode ser observado nessa charge (figura 8):

FIGURA 8



Fonte: Blog Planetacho. Publicada em 10 de abril de 2008. Autor: Tacho
Disponível em: < <http://planetacho.blogspot.com/2008/04/>>.

Importante ressaltar que, de acordo com Kothe (1985), a figura do herói nas narrativas triviais é a personagem cujo papel é garantir a lei: "a sua função básica é sempre a mesma. Ele é o defensor da lei. A lei é, para ele, aplicação da justiça" (KOTHE, 1985, p.70). Assim, Cembranelli ao “fazer justiça” conseguindo a condenação do casal representa o herói, o “mocinho” da novela Nardoni. Inclusive, houve quem comentasse que Cembranelli e Ana Oliveira, mãe de Isabella, pudessem estar envolvidos amorosamente. Porém, eram apenas devaneios de um público mergulhado na narrativa e que, esperando um final feliz, desejavam que “mocinho” e “mocinha” formassem um casal.

Nesse sentido, a mãe biológica de Isabella também não escapou dos julgamentos alheios e, por vezes, foi questionada sobre suas ações. Algumas pessoas acreditavam que ela teria participação no caso; outros comentavam que ela

estaria se expondo demais e que parecia fria diante de toda a situação. Conforme lembrado por Pagnan, Ana Oliveira chegou a participar de um show do padre Marcelo Rossi - na época, grande celebridade da Igreja Católica - com a participação de celebridades como Xuxa Meneghel, Hebe Camargo, Xororó e Ivete Sangalo.

Guirado e Petenucci (2009) também identificaram em um comentário postado no site oficial do jornal o *Estadão*, no dia 9 de abril de 2008, críticas sobre a mãe de Isabella. No comentário, o leitor apontava que a mãe da menina deveria ser investigada, pois ela estava maquiada, bem arrumada e sorrindo para as fotos; ou seja, tudo era motivo para novos boatos e novas exposições.

Enfim, diante das questões levantadas, percebemos que Isabella Nardoni virou uma atração. Sua família foi exposta na mídia de forma exagerada, causando consequências que até hoje interferem em suas vidas. “O assassinato acabou por virar uma novela midiática da vida real, em que, a todo o momento, era possível estar presente na vida daquela família” (PIANA, 2010, p.64). Embora a sociedade tenha participado da construção espetacularizada do caso, muitos se incomodaram com aquela situação. As críticas chegavam de diversas formas: comentários na internet, crônicas em jornais e até mesmo nas conversas informais nas ruas.

Uma das maneiras de expressar a crítica e abordar o caso foi por meio das charges. Muitos chargistas passaram a expressar a opinião pública sobre o assassinato de Isabella por meio de suas produções. Nesse sentido, no próximo capítulo iremos analisar algumas charges que apontavam a crítica quanto ao show de exposição do Caso Isabella Nardoni.

4. AS CHARGES DO SHOW NARDONI

Desde há muito tempo as charges estão presentes em jornais e revistas brasileiras, expondo opiniões de forma sarcástica e bem humorada sobre os mais diversos acontecimentos do país e do mundo. Mas, afinal, o que são charges? Segundo o pesquisador Antonio Luiz Cagnin, charge “é o desenho que se refere a fatos acontecidos em que agem pessoas reais, em geral conhecidas, com o propósito de denunciar, criticar e satirizar” (CAGNIN *apud* MIANI, 2012, p.39). Por sua vez, Edson Carlos Romualdo, em sua obra *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo* (2000) compreende a charge como “o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico” (ROMUALDO, 2000, p.21). Diante disso, reconhecemos que a charge está diretamente ligada à realização de críticas, sendo ela política ou social, contendo sempre o humor em sua constituição.

A charge é utilizada como uma ferramenta de expressão, criticando ou denunciando fatos reais. Ela possui alguns elementos importantes em sua constituição, sendo eles a representação de um fato e o humor. Sobre o humor, ele pode ser expresso de diversas formas; é importante compreender que nem toda charge desperta o riso. Conforme estudos de Daniel de Oliveira Figueiredo (2012) existem diversos tipos de humor, dentre eles o de amortização - já exposto em capítulo anterior - e o humor de transgressão. Muitas charges apresentam o humor de transgressão em sua constituição e podem não resultar em riso. Sobre esse humor, Figueiredo comenta:

O mecanismo do humor de transgressão ocorre, portanto, ao identificarmos na enunciação do conteúdo humorístico a intenção de transgressão de entendimento de uma dada regra social, que ao ser violada e subvertida, proporciona a mobilização do intelecto na construção de outras propostas de raciocínios, além de ter em sua natureza a crítica ao tema/situação retratada (FIGUEIREDO, 2012, p.25).

Portanto, algumas das charges que serão apresentadas a seguir, embora contenham humor, poderão não ser engraçadas; ao contrário, inclusive, podem proporcionar certo incômodo diante da situação, já que procuram a transgressão de sentido e a crítica a situação.

4.1 CHARGE: UMA FERRAMENTA DE EXPRESSÃO E DENÚNCIA

As charges, ao longo da história, foram ganhando seu espaço e se tornando uma forma muito contundente de apresentação de críticas e de denúncias. Esses desenhos foram ganhando espaço nos editoriais e se tornando uma ferramenta efetiva de opinião. Diversos jornais e revistas não abrem mão de publicar charges para apresentar, muitas vezes de forma bem-humorada, situações que permeiam o noticiário. De acordo com Luiz Guilherme Sodré Teixeira (2005, p.11), “a charge é uma arma de grosso calibre a serviço da manifestação de uma ‘opinião pública’”.

A respeito dessa questão, Rozinaldo Antonio Miani afirma que a charge foi ganhando credibilidade, expondo seu ponto de vista e suas críticas, revelando seu potencial político e ideológico. O autor ainda aponta que:

[...] a charge é uma representação humorística de caráter eminentemente político que satiriza um fato ou indivíduo específicos; ela é a revelação e defesa de uma ideia, portanto de natureza dissertativa, traduzida a partir dos recursos e da técnica da ilustração (MIANI, 2012, p.25).

Sendo assim, compreende-se que a charge é uma imagem que, além de ilustrar, carrega fortes traços opinativos e discursivos. Outro apontamento importante apresentado por Romualdo (2000) salienta que a charge é um texto que, por ser de rápida leitura, atrai o leitor e que “diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor” (ROMUALDO, 2000, p.17).

Ainda de acordo com Romualdo, as charges produzidas e publicadas nos jornais brasileiros são marcadas pela intertextualidade na sua produção, ou seja, a charge sempre estará correlacionada com outros textos, fotos ou fatos já publicados pela mídia. A respeito dessa característica, o autor apresenta as diversas formas pelas quais as charges podem se conectar com os noticiários presente no jornal:

O suporte contextual exerce grande importância para a compreensão da caricatura e da charge, pois elas só alcançarão o seu efeito na medida em que o referente for conhecido e as demais circunstâncias, incluindo as situações ou fatos políticos aos quais elas se referem, também o forem (ROMUALDO, 2000, p.25).

Desta forma, é possível compreender que a charge sempre carregará um ponto de vista sobre um determinado assunto que está sendo veiculado na mídia;

afinal, ela é um recorte dado pelo chargista para apresentar a crítica sobre uma questão específica. Além disso, a intertextualidade auxilia na compreensão da mensagem que a charge transmite.

A charge possui grande valor documental, pois auxilia o pesquisador a compreender as condições históricas e o pensamento social sobre a questão retratada. É preciso reconhecer, ainda, que a charge não possui a função limitada em ilustrar uma reportagem; sua função em um jornal é mais ampla, carregando um discurso crítico e ideológico, apresentando uma opinião sobre os acontecimentos tratados pelo veículo de comunicação. A esse respeito, Romualdo afirma:

Se pensarmos em termos de conteúdo, uma charge ou uma caricatura podem ser muito mais densas do que os outros textos opinativos, como uma crônica ou até mesmo um editorial. O leitor pode, inclusive, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos convencionais, optando pela leitura da charge que, por ser um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos (ROMUALDO, 2000, p.15).

Por apresentar uma opinião, a charge é, geralmente, apresentada no espaço editorial, local utilizado pela mídia para apresentar o seu ponto de vista e suas ideologias. Sobre isso, Teixeira (2005) afirma que a charge, após um longo período de amadurecimento, encontrou nos jornais um aporte para a “expressão de sua forma e significação de seu conteúdo” (TEIXEIRA, 2005, p.13).

Porém, as charges também carregam elementos informativos. Entretanto, vale ressaltar que, para que se possa interpretar uma charge corretamente e compreender os seus sentidos, é necessário que o leitor tenha um conhecimento sobre o assunto ou situação retratada, ou seja, é necessário que o leitor esteja minimamente familiarizado com o fato a que se refere a charge.

A charge, portanto, auxilia na compreensão crítica do contexto histórico-social a que se refere a imagem. Por meio dela conseguimos verificar diversos fatores e pensamentos que permeavam a sociedade contemporânea. Segundo Teixeira, a charge está “condicionada num tempo determinado social e empiricamente” (TEIXEIRA, 2005, p.89), ou seja, ela retrata em seus traços o modo de ver da sociedade de uma determinada época.

Além disso, Rozinaldo Miani (2005; 2012), baseando-se nos estudos sobre a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (1997), constatou que a charge se constitui

como uma ferramenta discursiva e ideológica. De acordo com Bakhtin, toda linguagem é ideológica, pois é nela que se manifesta a luta de classes. A partir dessa afirmação, Miani aponta que, por se tratar de uma manifestação de linguagem, a charge também se caracteriza como um produto ideológico.

Nesse sentido, a charge carrega consigo opiniões e discursos persuasivos que auxiliam na manifestação de uma ideia. As críticas apresentadas pelas charges são carregadas de parcialidade. Porém, essa parcialidade não é uma característica negativa para os estudos científicos; pelo contrário, ela carrega consigo o pensamento social que permeia a sociedade em que foi produzida e esse fato é importante para os estudos históricos, sociais, comunicacionais, dentre outros. Ou seja, desta forma, o pesquisador consegue extrair informações sobre a sociedade cujo a charge foi produzida, tais como: de que forma aquele assunto era visto pela sociedade, naquela época? Qual pensamento ideológico permeava a charge? E assim, por diante. Assim, sendo, quando resgatamos as charges do Caso Isabella, por exemplo, conseguimos através da parcialidade existentes nas mesmas, resgatar a forma como a sociedade agia diante do fato e como, essa ação, causava também uma reação: a curiosidade exagerada sobre o Caso Isabella, e logo após, a repulsa pelo sensacionalismo causado.⁶

Assim, para Teixeira (2005), por ser carregada de subjetividade e produzida a partir da ótica do desenhista ou do jornal em que foi publicada, a charge apresenta algumas limitações como fonte primária de pesquisa, mas, segundo o referido autor, pode ser muito interessante como fonte secundária que, segundo a pesquisadora Valéria Brandini, são aquelas “constituídas pela literatura originada a respeito de fontes primárias, isto é, de obras que interpretam e analisam essas fontes” (BRANDINI, s/d, p.2). Apesar de apontar para algumas limitações, Teixeira afirma que “a charge permanece como instrumento de reflexão e fonte de pesquisa”, já que se trata de “um produto cultural produzido sob condições históricas definidas, num tempo e espaço socialmente determinados” (TEIXEIRA, 2005, p.12).

Não podemos deixar de destacar também que muitas charges são encomendadas aos chargistas; ou seja, alguns jornais, revistas ou até mesmo um grupo específico - como no caso de manifestantes ou integrantes de Organizações não governamentais (ONG) - solicitam uma charge a um desenhista, indicando o

⁶ Esse assunto será melhor discutido no próximo capítulo.

que querem transmitir com aquela imagem. Portanto, a charge possui um poder ideológico e persuasivo, sendo utilizada como forma de manifestação de uma ideia.

Conforme apontado por Miani é importante ressaltar que a charge é efêmera, ou seja, “geralmente é esquecida quando o acontecimento a que se refere se apaga de nossa memória individual ou social (porém, ela permanece viva enquanto memória histórica)” (MIANI, 2012, p.39). Essa afirmação alimenta ainda mais a importância da utilização das charges como fonte e objeto de pesquisa, pois, se por um lado, sua condição comunicativa é reduzida, por outro lado, sua função de produzir memória histórica é ressaltada.

Devemos também levar em consideração os estudos de Peter Burke, em seu livro *Testemunhar ocular: história e imagem* (2004), a respeito do auxílio da imagem no resgate histórico. O autor realiza diversas análises sobre as pinturas no decorrer da história e mostra como elas auxiliam os historiadores a compreender o momento e o contexto no qual elas foram realizadas. Com isso, Burke afirma que toda imagem conta uma história, ficando como um registro de um período, testemunhando a natureza do regime no qual foram produzidas. Sendo assim, é possível associar essa ideia com as charges que, por se tratarem de uma imagem, também possuem a característica de contar uma história, ficando como um registro para a posteridade. As próprias charges do Caso Nardoni permanecem como fonte importante para o resgate da história através da ótica da sociedade.

Outra questão apontada por Burke é a de que “o artista tem de condensar ações sucessivas numa única imagem, geralmente um momento clímax, e o expectador tem de estar consciente dessa condensação” (BURKE, 2004, p.179). Ao analisarmos as charges, perceberemos que os artistas retratam em seus desenhos uma compilação de acontecimentos em uma única imagem (charge) e que, quando relemos os noticiários da época, percebemos essa articulação de fatos. Burke ainda aponta que devido essa condensação o leitor pode ter problemas de interpretação, porém, nesse caso, o contexto auxilia na leitura; por isso, o auxílio das reportagens torna a leitura de uma imagem mais fácil.

4.2 NARDONI E AS CHARGES

Como apontado anteriormente, a charge tem o potencial de transmitir uma crítica por meio do humor. Além disso, trata-se de uma ferramenta de expressão

comunicativa que traduz o pensamento social sobre um determinado assunto em uma sociedade específica. Nesse sentido, as charges aqui analisadas acabam por apresentar como a sociedade viu e reagiu em relação ao Caso Isabella Nardoni, revelando como a mídia atuou na exploração dos respectivos acontecimentos. Ou seja, a charge consegue traduzir em imagens o pensamento social da época.

As charges escolhidas para análise nesse trabalho foram selecionadas da internet para que pudéssemos contemplar um número significativo de imagens, bem como uma pluralidade nos enfoques e abordagens. Para selecionar as charges seguimos os seguintes passos:

a) Utilização do buscador de imagens do *Google* para a expressão “Isabella Nardoni”.

b) Delimitação de charges produzidas entre 29 de março de 2008 (data do assassinato) até 27 de março de 2010 (data do anúncio da sentença), pois se buscava charges que contemplassem o tratamento dado pela mídia durante todo o período referente aos desdobramentos do episódio.

c) Seleção de charges que abordavam, especificamente, a forma como a mídia atuou no caso, excluindo charges que fugissem dessa delimitação.

Portanto, não houve filtros em relação ao tipo de mídia que publicou a charge ou ao artista que a produziu, favorecendo uma leitura plural dos acontecimentos. Ao final da seleção das charges, considerando as três categorias definidas para a realização das análises, chegamos ao seguinte quadro:

Temática específica da charge	Quantidade de charges a serem analisadas
Comparação do caso com programas de televisão	06 charges
Crítica quanto ao excessivo número de vezes em que o caso apareceu na mídia	05 charges
Perturbação causada pela exposição exagerada	04 charges
Total de charges	15 charges

As charges serão analisadas por meio da metodologia da análise do discurso chárstico que, segundo Rozinaldo Miani, tem por objetivo aprofundar a compreensão do contexto sócio-histórico da charge, bem como desvelar as condições de produção

que possibilitaram a construção de um determinado discurso. Partimos, então, para as análises.

4.2.1 Entre o *reality* e a ficção

A exposição exagerada fez com que as pessoas associassem o Caso Isabella Nardoni com os *reality shows* e até mesmo com novelas, assistida capítulo a capítulo. A cada nova matéria veiculada na mídia, novas informações eram adicionadas ao caso e, no final, todos queriam saber quem havia matado Isabella. Devido a essa associação, alguns chargistas produziram suas imagens abordando a relação entre a exposição e a construção narrativa de determinados programas de televisão. Nesse item iremos analisar as charges que realizam essa abordagem.

A primeira charge selecionada foi produzida pelo chargista pernambucano Samuel Andrade, conhecido como Samuca, e publicada originalmente no jornal *Diário de Pernambuco*, em março de 2010; a imagem depois foi reproduzida pelo blog *Material Incógnita* em 26 de março de 2010 (figura 9).

Para compreendermos a contextualização da charge, esta data foi marcada pelo último dia do julgamento de Alexandre Nardoni e de Anna Carolina Jatobá, que havia começado em 22 de março de 2010. Esse dia foi extenso e acompanhado pela mídia com muita expectativa, pois era a última oportunidade de a acusação, e também a defesa, explanarem seus pontos de vista e tentarem convencer o júri com seus argumentos. Conforme apresentado anteriormente, o julgamento foi transmitido por diversos meios de comunicação que, para acompanharem o que ocorria na área interna do Tribunal, armaram esquemas de revezamento para que todos pudessem ter acesso aos seus desdobramentos. Inclusive, o jornalista César Tralli, da *Rede Globo* acompanhou todo esse processo sentado ao lado dos advogados da família Nardoni.

FIGURA 9



Fonte: *Diário de Pernambuco*. Publicada em 26 de março de 2010. Autor: Samuca
Disponível em: <<http://www.materiaincognita.com.br/tag/casal-nardoni/>>.

Começando a análise pelos elementos visuais, vemos na imagem um aglomerado de pessoas em frente a uma televisão, assistindo algo que prendia a atenção de todos. As expressões nos olhos das pessoas indicam que estavam atentos e concentrados. No canto esquerdo da imagem, um pouco afastado do grupo, vemos a presença de um homem e de uma mulher. A mulher aparenta estar curiosa sobre o conteúdo do que estava sendo transmitido na televisão, enquanto o homem, indicado pelo balão de diálogo, revela o assunto: “Big Brother do Caso Isabella!”.

A charge fazia referência, portanto, à cobertura da mídia sobre o Caso Isabella Nardoni. Conforme já relatado, por diversas vezes a situação foi comparada a um *reality show*, pois a história ganhou grande repercussão na imprensa nacional e durante os meses que se seguiram à data da morte da menina e até o momento do julgamento, a família Nardoni era vista em quase todos os meios de comunicação. O nome de Isabella, assim como de seus pais e de sua madrasta, estava na mente de quase todos os brasileiros. A família se tornou celebridade.

Considerando a data de publicação da charge, podemos concluir que o objetivo era tematizar as circunstâncias referentes ao julgamento do pai e da madrasta de Isabella. Pela imagem, podemos especular que o que as pessoas estavam assistindo poderia ser *flashes* do julgamento ou algum programa de entretenimento na televisão; essa ambiguidade se estabelece em razão de o

espectador em diálogo com a mulher admitir estar assistindo a um “BBB Nardoni”, reforçando a ideia de que o julgamento de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá havia se transformado em um grande show. As imagens do caso eram transmitidas regularmente pela televisão e os jornalistas realizavam entradas ao vivo com frequência para informar sobre as últimas novidades do julgamento. Inclusive, algumas tendas foram armadas em frente ao Tribunal para que a imprensa pudesse acompanhar o caso com alguma estrutura.

Também podemos constatar que há uma quantidade grande de pessoas acompanhando a programação na televisão. É possível, ainda, identificar que se trata de homens e mulheres de diferentes idades, revelando que o caso atraía a atenção de todo tipo de pessoa, independente de sexo ou idade, e também de classe social. Ou seja, a curiosidade em relação aos encaminhamentos e ao resultado do julgamento era equivalente à curiosidade em saber qual o vencedor de uma edição do BBB. Todos estavam à frente da TV, vidrados e atentos ao veredicto do júri, assim como no final de um *reality show*.

Quando relembramos o período em que o caso Isabella esteve em evidência, não é difícil recordar o quanto a sua exposição foi excessiva. Ao ligar a televisão, em qualquer horário do dia, provavelmente, uma matéria sobre o caso estava sendo exibida; o mesmo valia para jornais, revistas e sites noticiosos. Certamente, por essa questão, a associação entre o programa BBB e o Caso Isabella Nardoni era constante, sendo que diversos chargistas refletiram em suas produções essa temática.

Publicada naquele mesmo dia, 26 de março de 2010, a segunda charge selecionada também abordou a associação do Caso Isabella Nardoni com o *reality show* BBB. Essa charge foi produzida pelo chargista catarinense Frank Maia e foi publicada originalmente no jornal *A Notícia*, de Santa Catarina, do qual Frank é ilustrador oficial. A charge também foi replicada no blog *Matéria Incógnita* (figura 10).

FIGURA 10



Fonte: *A Notícia*, Santa Catarina. Publicada em 26 de março de 2010. Autor: Frank
Disponível em: <<http://www.materiaincognita.com.br/tag/casal-nardoni/>>.

Na imagem é possível identificar a representação de um homem, sentado em uma calçada. À sua frente está a vitrine de uma loja com a exposição de diversos aparelhos televisores ligados, todos exibindo a mesma imagem. Todas as características do homem indicam se tratar de um morador em situação de rua: sua aparência, sua companhia (vemos do seu lado esquerdo um cão - inclusive, principal referência para o título da charge: “Teobaldo, o cão” -, que é considerado um dos principais companheiros dessas pessoas), uma garrafa de bebida do seu lado direito (a dependência alcoólica e as drogas são as principais causas que levam uma pessoa a viver em situação de rua) e os sinais representativos de embriaguez.

Nos balões de diálogo é possível ler uma conversa entre o cão e o homem. O cão inicia a discussão com a seguinte fala: “Qual é o número que disca pra eliminar os Nardoni?”. Diante da indagação, o homem responde: “Acho que você tá confundindo os reality show...”. Com esse diálogo constatamos que, novamente, há uma comparação entre o *reality* BBB e a atuação da mídia. O cachorro (não um cachorro qualquer, mas o Teobaldo, companheiro do homem, portanto, alguém com quem ele interage e em quem ele confia) se refere ao ato de eliminar um participante por meio de uma ligação para a emissora, dinâmica conhecida no BBB, em que os telespectadores escolhem dentre dois ou mais participantes qual deles deixará “a casa mais vigiada do país”, conforme apresenta o seu bordão.

De acordo com Léia Cruz de Menezes (2012), a programação de televisão aberta de todo o país realizou diversas coberturas sobre o caso, buscando imagens e realizando *links* ao vivo “da casa dos pais de Alexandre Nardoni, da casa da mãe de Isabella, da porta da delegacia onde o casal prestaria depoimento etc.” (MENEZES, 2012, p.197), dando visibilidade ao caso e, principalmente, aos envolvidos. Ou seja, a casa da família Nardoni também se tornou uma espécie de “casa mais vigiada do país”.

Na charge, o homem responde à indagação do cão informando que ele estaria confundindo os *reality shows*, ou seja, embora o Caso Isabella Nardoni, de fato, parecesse um BBB, não se tratava de ligar para uma emissora indicando um escolhido para algum tipo de eliminação. A charge foi publicada no último dia do julgamento do casal e, portanto, a charge faz referência a essa especulação em torno de tal situação. Quando o cão aponta que “quer eliminar os Nardoni”, identificamos que ele está se referindo justamente ao ato de condená-los já que no referido programa de entretenimento se elimina alguém do jogo quando se acredita que essa pessoa não mereça ganhar o prêmio final. Porém, aquela situação não se referia à disputa de um prêmio milionário, mas sim aos desdobramentos de um crime real, em que o futuro de Alexandre e de Ana Carolina estavam em pauta. Quando um competidor é eliminado do BBB, ele simplesmente volta para sua casa, para sua vida “normal”; porém, com o casal Nardoni seria muito diferente, porque ao serem condenados jamais voltariam para sua vida anterior.

E apesar de as circunstâncias que tornaram a família Nardoni famosa não ser o tipo de pauta apropriada para revistas ou programas de fofoca, isso não impediu que a imprensa tratasse o caso com despropósito e, inclusive, utilizasse a notoriedade do caso para lucrar.

A temática do BBB segue na terceira charge, que foi produzida pelo chargista capixaba Amarildo Lima, o Amarildo. A charge foi publicada no blog oficial do desenhista no dia 27 de março de 2010 (figura 11). Embora o último dia do julgamento tenha sido no dia anterior (26), somente no dia 27 a leitura da sentença foi realizada. Portanto, tal charge foi publicada no dia em que foi divulgada a decisão do júri, indicando que o pai e a madrasta de Isabella haviam sido, de fato, condenados.

FIGURA 11



Fonte: Blog do Amarildo. Publicada em 27 de março de 2010. Autor: Amarildo
Disponível em: <<https://amarildocharge.wordpress.com/2010/03/27/caso-nardoni/>>.

Na imagem podemos ver uma mulher, sentada em uma cama com vestimentas de dormir, na expectativa da chegada de um homem (provavelmente seu marido), que também está vestindo pijama. A expressão do homem revela cansaço, como se tivesse passado a noite acordado; seus olhos estão inchados e vermelhos e seus ombros caídos para frente. Na janela ao fundo, identificamos os contornos de alguns prédios, além da presença do sol, indicando que já havia amanhecido.

No balão de diálogo, lemos a seguinte conversa, iniciando-se pela mulher: “E aí? E aí? Me conta logo! Quem ganhou o julgamento?”. O homem responde: “Você não vai acreditar!”, “Eu dormi na hora que iam anunciar!”. Ao observar esse diálogo identificamos que o homem passou a noite acordado na expectativa de saber quem havia “ganhado” o julgamento de Nardoni e Jatobá. Essa representação faz alusão ao episódio final do BBB, quando é montado um espetáculo para anunciar o ganhador, causando expectativa em todos que assistem. Atente-se para o fato de que foi utilizada a expressão “ganhar o julgamento”, como se a sessão no tribunal fosse uma competição na qual haveria um ganhador. Nesse caso, não se trata de haver um vencedor, há apenas o cumprimento (ou não) de uma justiça, conforme já expressado na análise anterior.

Conforme relatado por Ilana Casoy, no momento do anúncio do veredito, o público, que aguardava do lado de fora do júri, explodia em alegria ao saber que o

pai e a madrasta haviam sido condenados. “História de júri não tem final feliz. Dentro do plenário, um silêncio sepulcral. Lá fora, já era carnaval” (CASOY, 2016, p.468). Piana (2010) também relata que o público esteve em catarse ao saber da sentença e a condenação, portanto, foi comemorada como se comemora a vitória de um BBB.

Enfim, tanto essa charge quanto as duas charge anteriores retrataram a temática de que o caso foi explorado como um programa de entretenimento, criado para ser consumido pelos telespectadores; portanto, a excessiva aparição desse tema nas charges é um indício de que essa comparação existia na sociedade e que era muito utilizada.

O chargista Samuca, autor de uma das charges já analisada, também foi o produtor da próxima charge. A imagem foi publicada no *Blog do Xandro* em 20 de abril de 2008, data em que foi decretada a prisão do casal Nardoni (figura 12). Nessa charge, a temática de comparação foi com as produções de novela e suas características - principalmente, por ser produzida em capítulos -, em que o telespectador acompanha diariamente as mudanças no roteiro.

Na imagem, identificamos a representação de um homem, uma mulher e uma criança sentados em um sofá, em frente à televisão. Apesar de a televisão estar oculta na imagem, é possível reconhecê-la por meio da sombra, ao fundo, representando que há uma luz incidindo sobre as pessoas e também por meio do balão de diálogo, escrito com linhas curvas. Essa forma de representação do balão de diálogo é utilizada para expressar falas em televisores, rádios ou telefones, indicando se tratar de uma “voz mecânica”.

FIGURA 12



Fonte: *Blog do Xandro*. Publicada em 30 de abril de 2008. Autor: Samuca

Disponível em: <<http://blogdoxandro.blogspot.com/2008/04/charge-do-blog-n510.html>>.

No referido balão podemos ler a seguinte mensagem “A seguir, cenas dos próximos capítulos da ‘Pequena Isabella!’”. Essa estratégia é muito utilizada na produção televisiva para atrair a atenção do telespectador, persuadindo-o a continuar assistindo a programação e acompanhando o programa. Ou seja, nessa fala é possível perceber que a televisão realiza uma espécie de chamada para que os telespectadores continuem acompanhando os acontecimentos de uma (suposta) novela, que na charge foi identificada como “Pequena Isabella”.

Conforme identificamos na imagem, a expressão das pessoas é de atenção ou de surpresa, como se, de fato, estivessem interessadas na informação transmitida pela televisão. Portanto, quando a charge representa essa situação, sugere que o assassinato de Isabella Nardoni estava sendo transmitido pela televisão como uma novela, assistida por capítulos e que, a cada nova informação, a mídia não hesitava em transformar aquele caso em um entretenimento, utilizando-se das mais diversas estratégias para atrair o público garantindo a sua audiência.

Ao observar a data de publicação da charge constatamos que esse “novo capítulo” se referia à prisão de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Vale ressaltar, que essa informação causou grande repercussão na imprensa brasileira. Conforme apresentado no capítulo anterior, a prisão do casal foi transmitida ao vivo em alguns canais de televisão que acompanhavam a diligência pelas ruas de São Paulo. A própria polícia contribuiu com o show ao colocá-los em uma viatura sem película e, ao final, ordenando que o casal entrasse pela parte de trás do veículo, oferecendo aos fotógrafos possibilidades de imagens impactantes e dignas de diversas capas de revistas. Assim, o público acompanhou essa diligência como uma emocionante perseguição por meio de uma narrativa ficcional.

Com isso podemos perceber que as associações do caso com as novelas foram muitas; inclusive, uma das mais utilizadas fazia referência ao famoso bordão da novela global *Vale Tudo*, a saber, “Quem matou Odete Roitman?”. Não era raro ver pessoas entoando, portanto, “Quem matou Isabella Nardoni?”. Com isso, percebemos que a charge não foge da realidade, pois ela representa como a sociedade estava assimilando tal situação.

A próxima charge foi produzida pelo chargista Gilmar Luiz, conhecido como Tacho. A imagem foi publicada em seu blog pessoal no dia 22 de abril de 2008 (figura 13). Dois dias antes, ia ao ar uma entrevista exclusiva do casal Nardoni para o programa *Fantástico*. Essa entrevista repercutiu na mídia exaustivamente sendo

utilizada, inclusive, por outras emissoras de televisão para ilustrar suas matérias. Alguns programas chegaram a contratar especialistas para analisar o comportamento de Alexandre e Anna Carolina durante a reportagem para saber se ambos diziam a verdade.

FIGURA 13



Fonte: Blog Planetacho. Publicada em 22 de abril de 2008. Autor: Tacho

Disponível em: < <http://planetacho.blogspot.com/2008/04/>>.

Esta charge possui vários elementos interessantes a serem analisados, porém é preciso estar familiarizado com o caso para conseguir compreender a sua mensagem e crítica. A charge apresenta um pequeno texto introdutório: “Houve um período negro em nossa história: A Idade Mídia”. Na imagem podemos ver a representação de um cavaleiro medieval, identificável devido à sua vestimenta de época e pelo elmo em sua cabeça. O cavaleiro está posicionado atrás de uma bancada e segura o que parece ser um pergaminho. Na bancada lemos a inscrição “Sir William, O Arauto Global”. Sua fala consiste nas seguintes frases: “E logo após o torneio de lanças veja...” “...O caso da princesinha jogada da torre”.

Extraindo as referências produzidas no desenho, podemos perceber que o cavaleiro representa um jornalista em razão de sua postura. Além disso, o arauto era a pessoa encarregada de transmitir as informações durante aquele período (Idade Média), lendo as notícias, leis e todas as informações importantes transmitidas pelo rei ao seu povo. Nesse sentido, a inscrição “Sir William” se refere, portanto ao jornalista William Bonner. A notícia a ser anunciada por ele seria justamente da morte de Isabella, pois ela estaria sendo identificada como a “princesinha jogada da torre”. Desta forma, podemos perceber que o chargista comparou a atuação do jornal com

uma narrativa fantasiosa e um conto de fadas. O jornalista Bonner se transformou em um mensageiro do rei que, no caso, seria a emissora Rede Globo de Televisão e o período histórico de toda essa narrativa foi caracterizada como a Idade “Mídia”.

Desta forma, compreendemos que a charge realiza uma crítica em relação à conduta do jornalismo, apontando que a morte de Isabella Nardoni foi transformada em uma história de fantasia. Isso nos remete, novamente, aos estudos de Kothe (1994) em relação às narrativas triviais. De fato, a mídia se apropriou dos elementos das narrativas triviais para moldar a sua construção do caso. Por diversas vezes, elementos típicos dessas histórias eram vistos nas reportagens produzidas pela imprensa como o anjo, a princesa, o monstro, a madrasta má e assim por diante. A morte de Isabella se transformou em um conto de fadas e o público se apropriou disso.

Como última imagem desse primeiro tema, selecionamos uma charge produzida pelo chargista Duke, que foi publicada em seu blog pessoal no dia 14 de abril de 2008, apenas duas semanas após a morte da menina (figura 14). Naquele momento, o caso estava no auge das especulações, tanto por parte da imprensa como pela população. O casal Nardoni já era tratado como culpado, afinal, cinco dias antes a revista *Veja!* havia publicado a matéria “A menina e o mostro”, fazendo referência à pequena Isabella e seu pai. Nessa matéria, a revista já apresentava fortes indícios de que Alexandre Nardoni teria cometido o crime, embora a equipe de investigação policial ainda não tivesse informado nada a respeito.

FIGURA Alexandre Aranha 14



Fonte: Blog Duke Chargista. Publicada em 14 de abril de 2008. Autor: Duke
Disponível em: <<https://leiamidia.wordpress.com/2008/04/14/midia-urubu/>>.

Na imagem podemos verificar a presença de um aparelho de televisão sobre uma bancada. A TV está ligada e a transmissão mostra um apresentador dizendo: “Se você acha que o culpado pela morte da menina Isabella é o pai, ligue 0800 123 45. Se você acha que é a madrasta, ligue 0800 123 56. Se você acha que é um terceiro, ligue 0800 666 67. Participe e concorra a brindes!”. No título da charge há a inscrição “Mídia Urubu”.

A fala do apresentador remete imediatamente ao antigo programa *Você Decide*, exibido pela Rede Globo, no qual os telespectadores tinham o poder de decidir o final de cada episódio. Conforme já apresentamos, o programa *Você Decide* era conhecido por trazer, a cada episódio, um drama com questões éticas ou morais, fazendo com que o telespectador indicasse, por meio de uma ligação telefônica, qual a sua opinião sobre como deveria ser o final daquela história e, assim, indicando o que entendia ser o mais correto. Computadas todas as ligações, a resposta mais votada era transmitida como o desfecho da história.

Essa charge, portanto, indica que a mídia estava atuando como um “Você Decide”. Assim, seguindo a dinâmica do programa, era como se a mídia estivesse testando a receptividade do público, para verificar se a população “compraria” a história de que o casal Nardoni era o culpado, pois, naquele momento, ainda era especulativa a condenação deles. Nesse sentido, a mídia, ao lançar notícias com conjecturas e informações desencontradas, conseguia extrair informações valiosas para avaliar como a sociedade estava assimilando aquela história. Como se tratava do caso de um assassinato que até aquele momento, supostamente, teria sido cometido pelo pai contra a filha, a mídia analisava a receptividade em relação a esse tipo de assunto, com fortes ligações morais.

O título da charge, “Mídia Urubu”, também chama a atenção. Essa expressão é utilizada para caracterizar uma mídia que atua fundamentalmente a partir de situações que envolvem tragédia, fazendo do sofrimento alheio um show. Assim como a ave urubu - que faz de um cadáver a sua refeição - a “mídia urubu” faz da tragédia alheia sua fonte de audiência e de lucratividade. Portanto, a imagem apresenta uma crítica à mídia na medida em que estava tratando um caso sério de forma leviana, fazendo da morte da menina um entretenimento, inclusive, sugerindo ironicamente que haveria “brindes” para quem participasse daquele espetáculo.

As charges até aqui analisadas apresentam um humor que se encaixa nas características do humor de amortização (FIGUEIREDO, 2012). As situações representadas nas imagens tendem a gerar um relaxamento moral, podendo levar ao riso, pois, quando imaginamos um cão conversando com o seu “dono”, ou uma pessoa que passou a noite em claro e mesmo assim acabou perdendo o “final” do seu programa favorito ou até mesmo as pessoas em volta da televisão para assistir o “BBB Nardoni” ou a “novela Nardoni”, deixamos aflorar um sentimento de relaxamento moral e uma acomodação do pensamento. Deixando-nos levar por essas situações absurdas e acabamos rindo.

4.2.2 Repete que “tá pouco”

Nessa segunda seção, analisaremos charges que apresentam como tema a repetição exagerada do Caso Isabella Nardoni. Muito se comentou a respeito de como a mídia vinha explorando demasiadamente a imagem da menina e da família como meio de conquistar ou garantir a audiência. Devido à curiosidade popular e a grande repercussão do caso, a imprensa tinha ciência de que o assunto gerava burburinho e, conseqüentemente, retorno financeiro.

Assim, podemos destacar que essas charges refletem o pensamento da teoria do agenda *setting*. Nesse sentido, a mídia elegeu esse caso como destaque, pois ele trazia elementos que aguçavam a curiosidade popular, quais sejam, menina assassinada, pai e madrasta como principais suspeitos, falhas na investigação, e assim por diante. O caso passou a gerar grande repercussão na sociedade e, conseqüentemente, gerava pauta para novas reportagens na mídia. Assim, o caso Nardoni foi crescendo e se tornando assunto para diversos programas de televisão, incluindo aqueles que não possuíam caráter jornalístico, afinal, Isabella dava Ibope.

Começamos as análises dessa seção com uma charge produzida por Carlos Latuff que foi publicada em 22 de dezembro de 2009 no site do Diretório Acadêmico de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (Daco) (figura 15).

FIGURA 15



Fonte: Diretório Acadêmico de Com. Social. Publicada em 22 de dezembro de 2009. Autor: Latuff
Disponível em: <<https://dacouff.wordpress.com/tag/isabella-nardoni/>>.

Para compreendermos o contexto da publicação da charge, é preciso lembrar que no dia 15 de dezembro de 2009 a família Nardoni voltava a ser assunto na mídia devido à notícia de que o juiz Mauricio Fossen havia marcado a data do início do júri para 22 de março de 2010. Essa informação recolocava o Caso Isabella Nardoni em pauta, pois a menina havia sido assassinada no início do ano anterior; porém, a espera na realização do julgamento aguçava ainda mais a curiosidade da imprensa e da população e essa notícia reacendeu os holofotes do caso. Diante disso, a sociedade passou a rever imagens de Isabella e de sua família em diversos meios de comunicação. A reconstituição da história e as tentativas de entrevistas exclusivas com os envolvidos voltaram a ser assuntos recorrentes.

Nesse contexto, o Daco publicou essa charge de Carlos Latuff fazendo referência a toda a repercussão e repetição exagerada da situação. Na imagem é possível identificar que, na assinatura do chargista, a data de criação da charge é de 2008, ano em que Isabella foi assassinada. Certamente, Latuff produziu essa charge no momento em que o caso Isabella repercutia amplamente na imprensa, ou seja, nos desdobramentos imediatos do assassinato da menina. Entretanto, mesmo após

quase dois anos do ocorrido, a charge continuava possibilitando uma reflexão importante sobre o ocorrido, já que sua postagem em dezembro de 2009 continuava fazendo pleno sentido.

Na imagem é possível ver a representação da menina Isabella deitada sobre uma maca de uma sala de autópsia. Ao seu redor, podemos ver o que parecem ser médicos legistas realizando exames de necropsias no corpo da menina. Uma serra ensanguentada, assim como representações de pedaços de órgãos e sangue espalhado por todo o ambiente são visíveis na imagem. Nos jalecos dos médicos é possível ler as identificações das principais redes de televisão aberta do Brasil: Globo, Record, Band, Rede TV e SBT. As expressões em seus rostos sugerem uma sensação de satisfação ao realizarem aquele procedimento no corpo de Isabella; as feições são quase de loucura.

Nos balões de diálogo é possível ler as seguintes frases: “Ei! Vejam só a menina Isabella!”, “Altos índices de audiência!”, “Muitos pontos no Ibope!”, “Sangue é negócio! Sangue! Sangue! Sangue!”. Ou seja, a referida charge faz a representação da máxima do sensacionalismo: sangue vende. Com isso, percebemos uma crítica contundente nessa imagem que está, justamente, no fato de que a mídia televisiva explorou Isabella com o intuito único e exclusivo de conquistar ou ampliar audiência e, conseqüentemente, faturar em cima do assassinato da menina. A mídia tinha convicção de que a história apresentava características que renderiam discussões entre as rodas de conversa na sociedade, além disso, exploravam o caso por meio de construções de uma narrativa ficcional, aguçando ainda mais a curiosidade do público. Na imagem, Latuff associa a imprensa com a representação de médicos sádicos que se satisfazem ao ver sangue, denunciando que a imprensa se alimenta de notícias mórbidas e, assim, a denominação “mídia urubu” faz todo o sentido.

O humor contido nessa charge, diferente das apresentadas na categoria anterior, é o de transgressão (FIGUEIREDO, 2012). Na situação aqui proposta pelo chargista, a intenção não é despertar o riso, mas sim fazer com que o receptor dessa imagem se sinta incomodado, possibilitando a transgressão de sentido, destacando a crítica.

A charge a seguir foi produzida pelo chargista Jeff e publicada no blog *Lenço Encarnado* em 26 de março de 2010 (figura 16). Infelizmente, não foi possível identificar se a charge foi publicada originalmente em outro meio de comunicação. Entretanto, se considerarmos a data em que o blog publicou essa charge,

constataremos que o propósito era se referir ao julgamento do casal Nardoni. Dia 26 de março foi o último dia do julgamento de Alexandre e Anna Carolina; por isso, os dias anteriores foram pautados pelo retorno do caso às coberturas da imprensa. Imagens de arquivos registradas desde o dia da morte da criança eram reprisadas incansavelmente pelos canais de televisão e republicadas em jornais e revistas. Nesse sentido, a referida charge fazia alusão a essa repercussão exagerada das imagens do caso.

FIGURA 16



Fonte: Lenço Encarnado. Publicada em 26 de março de 2010. Autor: Jeff
Disponível em: <<http://lencoencarnado.blogspot.com>>.

Iniciando a análise dos elementos da charge é possível identificar uma mulher, aparentando ser uma idosa, sentada em uma cadeira. Ao seu lado, também sentado em uma cadeira, está um homem também de idade avançada. Ambos assistem a uma televisão. Na imagem exibida pela TV podemos ver uma criança, de cabeça para baixo, sendo segura apenas por um dos pés. Não é possível identificar quem a está segurando. Atrás da senhora, através da porta, aparece uma criança. Na cena, também há a presença de um cachorro, com as patas dianteiras sobre as orelhas e com uma expressão de espanto, como se estivesse se escondendo ou se protegendo de algo. Na narração do programa televisivo podemos ler a seguinte frase “E agora, pela milionésima vez, o pai que jogou a criança do 10º andar”. Por sua vez, no balão de diálogo da criança, lemos a seguinte mensagem: “Quando passar a cena que esmigalha a cabeça da criança a senhora me chama?”. Por fim, no balão

de diálogo do cão, observamos a seguinte frase: “E olha que o irracional sou eu!”. O casal de idosos está apenas observando a imagem da televisão e não fazem nenhum comentário.

Com essa charge podemos considerar que a crítica está exatamente no fato de que a imagem de Isabella teria sido exibida “milionésimas vezes”. Apesar de a imagem retratada pela charge não existir na realidade (não existem imagens do pai jogando Isabella pela janela), é possível perceber a proposta nela contida. Naquele momento, a culpa que recaía sobre a madrasta e o pai já era dada como certa e, dificilmente, o casal sairia do julgamento como inocentes. Portanto, quando o chargista representa alguém jogando a criança pela janela (induzindo que teria sido o próprio pai) indica que a maioria da população já aceitava esse fato.

Além disso, outra crítica muito importante é a de que a população incentivava essa espetacularização. Conforme apontado pela fala do menino “quando passar a cena... a senhora me chama”, indica que todos queriam continuar vendo imagens sobre o caso, mesmo sabendo que as notícias e coberturas já tinham passado inúmeras de vezes. Seguindo a hipótese do agenda *setting*, a charge aponta justamente que a mídia apresentava a pauta do dia e, em contrapartida, os telespectadores passavam a repercutir essas informações, pois, ao que parece, o menino já tinha conhecimento do que viria a seguir, já que pede para a senhora chamá-lo em uma cena específica, entretanto, ele queria assistir novamente.

Quando relembramos da época da morte da criança ou do julgamento do casal, percebemos que o assunto era tema em qualquer lugar. A expressão e a “fala” do cão fecham todo o sentido da charge, afinal, todos reconhecem que o cão é um ser irracional, entretanto, são os telespectadores humanos que se reúnem na frente da televisão para ver, repetidas vezes, um pai assassinar uma filha de quase seis anos.

Essa charge, ao apresentar o consentimento e a cumplicidade dos telespectadores diante da excessiva reincidência em tratar do assunto, realiza a crítica justamente ao apontar que a mídia se utilizava do fato, repercutindo as cenas milhares de vezes, como forma de garantir sua audiência, não se importando com o que essa exposição poderia causar. Vale ressaltar que a família da criança sofreu com a repercussão do caso. Inclusive, os irmãos menores de Isabella não podiam utilizar o sobrenome Nardoni, pois poderiam sofrer *bullying* ou represálias na escola ou nos locais que frequentavam.

A próxima charge foi produzida pelo chargista Eduardo Simch, conhecido apenas como Simch, e publicada em seu blog pessoal no dia 17 de abril de 2008 (figura 17). Nesse mesmo dia foram divulgadas informações sobre o exame no corpo de Isabella. Na ocasião, a mídia teve acesso a informações de que a menina havia sofrido esganadura, além de serem constatadas fraturas nos pulsos e na bacia. Também foi divulgado que a marca no lençol de Isabella era do chinelo de Alexandre. Ou seja, naquele momento, a imprensa ganhava munição para apontar o pai e a madrasta como os culpados pela morte da menina e, assim, o Caso Isabella Nardoni ganhava ainda mais projeção nos programas de televisão, nas revistas e nos jornais.

Na charge, podemos ver a imagem do fundo de uma televisão. Do aparelho sai a seguinte mensagem: “Agora o quinquagésimo boletim sobre o caso Isabela...”. Na frente da televisão há um sofá e uma pessoa sentada assistindo a programação. O rosto da pessoa é representado por uma caveira.

Essa charge pode oferecer, logo de imediato, três interpretações. Uma é a de que, por ter passado tanto tempo em frente à televisão assistindo às centenas de boletins, a telespectadora teria se tornando uma caveira, “perdendo” seu tempo em frente à TV. Outra interpretação faz coro com a charge anterior indicando que, por querer assistir a esse tipo de reportagem, o telespectador seria como uma caveira, símbolo associado à morte. Ou seja, apenas um “telespectador urubu” assistiria a programas de uma “mídia urubu”. Assim sendo, o público também compactuava com aquela exploração exagerada. Por fim, numa observação um pouco mais atenta, podemos constatar que a pessoa sentada no sofá se trata de uma criança e, devido ao vestido, é uma menina. Assim sendo, a imagem pode ser representativa de uma “metassituação” em que a menina Isabella estaria assistindo informações sobre a sua própria morte.

FIGURA 17



Fonte: Blog *Esimch*. Publicada em 17 de abril de 2008. Autor: Eduardo Simch
Disponível em: <<https://esimch.blogspot.com/2008/04/>>.

Nas duas perspectivas anteriores, poderíamos associar a charge a um humor de amortização, já que afrouxa nossos sentidos morais podendo, inclusive, despertar um riso. Nesse último caso, porém, a crítica ganha contundência e os sentidos do humor se invertem. Considerando se tratar da própria Isabella Nardoni a menina que acompanha o boletim noticioso televisivo, o humor passa a ser de transgressão, pois nos faz refletir que a curiosidade sobre o assunto era tamanha que até mesmo Isabella queria assisti-la, ressaltando a morbidez da situação.

Essa forma de retratar a questão não potencializa o riso, pelo contrário, causa um incômodo ao pensarmos sobre o fato. Analisando por essa perspectiva, nos deparamos com o absurdo que foi explorar Isabella Nardoni da forma como foi feita, o mesmo absurdo que seria a menina assistindo noticiários sobre sua própria tragédia. Afinal, tratava-se do assassinato de uma criança que estava sendo explorado de maneira sensacionalista e que não deveria ser tratado daquela forma, ou seja, como apenas um tema para gerar audiência e lucros para as mídias.

Além disso, a charge também apresenta a crítica em relação à quantidade de vezes em que o caso repercutiu na imprensa, já que a mensagem passada pela

televisão é de que o quinquagésimo boletim seria transmitido. Desta forma, também é possível indicar a referência em relação à hipótese do agenda *setting*, já que a repetição de informações sobre a morte de Isabella e a recorrência do tema era uma estratégia utilizada pela mídia para atrair o público, pois se sabia que tal assunto repercutia nas ruas e, em razão disso, trazer o tema para a programação televisiva era uma aposta certa em direção ao aumento nos índices de audiência.

A próxima charge selecionada para essa seção foi produzida pelo chargista Sinfrônio e publicada em seu blog pessoal no dia 25 de março de 2010 (figura 18). Conforme já exposto anteriormente, esse período foi marcado, especificamente, pelo julgamento do casal Nardoni, que havia iniciado em 22 de março daquele ano. Nesse sentido, a charge apresenta uma análise crítica da referida situação.

FIGURA 18



Fonte: *Blog do Sinfrônio*. Publicada em 25 de abril de 2010. Autor: Sinfrônio

Disponível em: <<https://sinfronio.wixsite.com/charge/2010>>.

Na imagem podemos identificar uma cena comum em um julgamento. Em seu púlpito está o juiz e, ao seu lado, em uma bancada, está o júri. Entretanto, ao invés de pessoas, o júri é representado como um aparelho de televisão. Na transmissão exibida na televisão se verifica a presença de um repórter televisivo. No balão de diálogo do juiz lemos a seguinte frase: “Então, o júri já chegou ao veredicto??”. No título da charge podemos ler apenas “O Caso Nardoni”.

A crítica que se pode verificar está relacionada às diversas influências da mídia em relação ao Caso Isabella Nardoni, denunciado que a mídia estava agindo como o próprio júri da situação. Assim, percebemos que a exploração exagerada e espetacularizada da mídia tiveram consequências importantes para o desdobramento do caso, inclusive, no julgamento.

Se pensarmos, portanto, em relação à teoria do agenda *setting*, podemos perceber que, por vezes, a mídia tentou manipular o caso, indicando o casal Nardoni como culpados antes mesmo de qualquer sentença ou mesmo divulgação oficial da polícia. A mídia influenciou sobre a forma como a população passou a identificar o caso, investigando a família e chegando às suas próprias conclusões. Esse comportamento da mídia, inclusive, pode ter afetado a forma pela qual o júri tratou os depoimentos de Alexandre e Anna Carolina. Por vezes, o caso de Isabella foi associado ao caso Escola Base, indicando que a condenação precipitada por parte da mídia era uma estratégia reprovável, já que poderiam causar consequências irreparáveis na vida do casal.

A última charge dessa temática foi produzida pelo chargista Antonio Júnior, conhecido como Junião, e publicada originalmente no jornal *Diário do Povo* em abril de 2008 e republicada alguns dias depois, no dia 23 de abril, no *Blog do Xandro* (figura 19). Três dias antes, na noite do domingo, o casal Nardoni concedeu uma entrevista exclusiva para o programa *Fantástico*, da Rede Globo. Essa entrevista repercutiu por diversos dias se tornando assunto em diferentes programas de televisão, inclusive, de outras emissoras. Até hoje, as cenas dessa entrevista são utilizadas para ilustrar matérias sobre o Caso Isabella Nardoni.

Essa charge expressa o pensamento e comportamento social durante aquele período. Na imagem é possível identificar a representação de uma sala de estar, com um sofá e uma televisão. Ao centro estão um homem e uma mulher, ambos com as mãos nas orelhas, como se estivessem tapando os ouvidos. A expressão do homem parece revelar espanto, devido seus olhos saltados, enquanto o da mulher indica indignação, devido seus olhos estarem semicerrados e a representação visual de sua fala sugerir uma entonação raivosa. Acima da televisão há a presença de um papagaio, que emite as seguintes falas: “Mais notícias sobre o Caso Isabella!”, “Mais notícias sobre o caso Isabella!”. No balão de diálogo da mulher se pode ler a seguinte frase: “Já falei para você tirar ele de perto da TV!”.

FIGURA 19



Fonte: *Blog do Xandro*. Publicada em 23 de abril de 2008. Autor: Junião
Disponível em: <http://blogdoxandro.blogspot.com/2008_04_23_archive.html>.

É sabido que os papagaios são conhecidos por repetirem aquilo que ouvem. O Caso Isabella Nardoni era tantas vezes exibido na televisão que o papagaio passou a repetir diversas vezes que havia “mais notícias” sobre o caso da menina. Portanto, nessa imagem, a crítica incide sobre o exagero da imprensa em tratar do assunto, passando a causar incômodo nos telespectadores que, cansados de tanto ouvir falar sobre Isabella, “tapavam os ouvidos” quando algo sobre o caso era transmitido.

Além disso, a televisão também estava sendo comparada a um papagaio, que repete diversas vezes a mesma mensagem e que não consegue formular a sua própria fala. Tratava-se de uma crítica a diversos programas que, usando pautas alheias, usavam o caso Isabella para ganhar audiência. Entretanto, nada de novo era acrescentado, apenas as mesmas notícias acabavam sendo veiculadas.

Essa charge, portanto, também apresenta características abordadas na hipótese do agenda *setting*, pois, como argumentado anteriormente, a mídia se utiliza da repetição de informações como estratégia para atrair a audiência. Assim, toda a imprensa brasileira se apoiava no Caso Isabella Nardoni para chamar a atenção, até mesmo programas que possuíam uma temática sem cunho jornalístico, a exemplos do *Fala Que Eu Te Escuto*, da Rede Record, e *A Noite é Uma Criança*, da Band. O primeiro dedicou um programa inteiro pautado em Isabella, chegando a realizar uma reconstituição do crime com atores. Já o programa apresentado por

Otávio Mesquita, *A Noite é Uma Criança*, realizou entrevistas com o delegado Cembranelli que, inclusive, ganhou a alcunha de herói pelo público.

Enfim, por meio das análises dessas charges, podemos constatar que o agenda *setting* balizou de maneira importante o Caso Isabella Nardoni. Por meio das repetidas informações que a mídia apresentava, o assunto se tornou pauta das interações sociais. Nos mais diferentes contextos sociais - casa, trabalho, grupo de amigos - o assunto “Isabella Nardoni” fazia parte da roda de conversa da maioria deles. Além disso, as notícias veiculadas pela mídia também moldaram a forma como o caso era abordado. A cada novo indício, a certeza de que o pai e a madrasta estavam envolvidos na morte da menina, crescia na mente das pessoas.

Esta última charge realiza uma ligação com a próxima categoria a ser analisada. Embora a imagem apresente críticas importantes em relação à repetição exagerada do caso, ela também revela que algumas pessoas se sentiram incomodadas com tamanho sensacionalismo. Como vimos, ao mostrar o casal com as mãos aos ouvidos indicando não quererem mais ouvir aquelas informações, a charge revela que a exploração do caso já havia se tornado exagerado, passando dos “limites do aceitável”. Com isso, seguimos para a próxima seção de análises chárgicas, na qual selecionamos charges que indicam que todo o sensacionalismo em torno do assunto causou incômodo na população, fazendo com que o Caso Isabella Nardoni se tornasse algo banal e saturado.

4.2.3 Ninguém aguenta mais

Na terceira e última seção passaremos a analisar charges que apontam algumas das consequências da atuação da mídia, em especial, a saturação com o assunto. Com tamanha exposição e repetição, o caso passou a incomodar a população, que não aguentava mais ouvir sobre a história. Com isso, o Caso Isabella Nardoni ficou banalizado. Sua história acabou se tornando sinônimo de sensacionalismo e a própria importância de encontrar uma solução justa para o caso foi se perdendo no meio de tanta especulação.

A primeira charge a ser analisada foi produzida pelo chargista Ronaldo Cunha Dias, conhecido apenas como Ronaldo. A imagem foi publicada originalmente no jornal *Zero Hora* de Porto Alegre em abril de 2008 e republicada no blog *Grafar, o Tinta China*, em 26 de abril de 2008 (figura 20). Na ocasião, o assassinato de

Isabella ainda não havia completado um mês e as especulações sobre o caso estavam borbulhando na imprensa, principalmente, na televisão. Como já registrado anteriormente, no dia 20 de abril o casal Nardoni havia concedido uma entrevista exclusiva ao programa *Fantástico* da Rede Globo. As imagens dessa entrevista foram pauta de diversos programas jornalísticos, inclusive, de outras emissoras, além de vários programas de entretenimento. Com isso, em pouco menos de um mês do ocorrido, a repercussão já era tamanha que começava a causar desconforto em alguns telespectadores, que estavam aborrecidos com tanta notícia sobre a família Nardoni.

FIGURA 20



Fonte: *Blog Grafar, o Tinta China*. Publicada em 26 de abril de 2008. Autor: Ronaldo

Disponível em: <<https://grafar.blogspot.com/2008/04/charge-ronaldo.html>>.

Vale registrar, ainda, que tal charge foi re-postada no blog *Lenço Encarnado* em 26 de março de 2010, último dia do julgamento de Alexandre e Anna Carolina. Naquele momento, a charge fazia menção justamente ao desgastante processo de julgamento do casal, repercutido incansavelmente pela imprensa. A sua divulgação naquela referida data reforça a ideia da saturação na cobertura do caso, passando dos limites e causando aborrecimento em alguns telespectadores.

Na charge, podemos identificar um homem na janela de um apartamento, segurando um aparelho televisor, fazendo menção de que irá jogá-lo fora. Na parte

superior da charge, como título, vemos a inscrição “Caso Isabella”. O rosto do homem aparenta estar enfurecido, como se estivesse de mau humor ou sem paciência com a televisão. Podemos inferir que a charge retratava o pensamento e o estado de espírito de muitas pessoas que já não suportavam mais tamanha repercussão do caso, chegando ao ponto de se irritar com a situação e até jogar a televisão pela janela.

Entretanto, essa charge também produz um efeito de sentido controverso se considerar que o homem realiza com a televisão o mesmo ato que, possivelmente (à época, pois ainda não havia ocorrido o julgamento), o pai de Isabella teria realizado com a menina. O julgamento condenou Alexandre pelo assassinato de Isabella, justamente, por ele ter jogado a criança pela janela de seu apartamento. Quando, na charge, a imagem mostra esse mesmo ato com a televisão, indicando que não aguentava mais ouvir sobre a história, a atitude do pai passa a ficar banalizada e, conseqüentemente, se potencializa a banalização do próprio assassinato da menina.

Nesse sentido, podemos considerar que, em um primeiro momento, o humor é de amortização, pois retrata uma situação que possivelmente era um sentimento coletivo: a irritação com a especulação do caso. Porém, quando analisamos mais cautelosamente a situação ali apresentada, o riso se perde e não achamos mais “graça”. Percebemos que a charge indica que seria aceitável jogar algo pela janela quando não o queremos mais; assim, pareceria ser “aceitável” Alexandre jogar Isabella caso esta a tivesse incomodado. Nesse caso, a crítica também se perde, pois sugere uma legitimação em relação à ação do pai.

A próxima charge selecionada para a análise foi produzida pelo chargista Augusto Bier e foi publicada originalmente no jornal do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre. Tal charge foi publicada também pelo blog *Grafar, o Tinta China*, em 3 de maio de 2008 (figura 21).

Apenas três dias antes, o promotor Francisco Cembranelli havia pedido a prisão preventiva de Alexandre Nardoni e de Anna Carolina Jatobá. Naquele momento, o promotor dizia possuir provas de que ambos estavam na cena do crime no momento em que Isabella caíra da janela e que, portanto, o casal teria mentido em seus depoimentos. Com essas informações, a imprensa queria, a todo custo, realizar entrevistas exclusivas com o casal, especulando de várias formas sobre a família e suas vidas.

FIGURA 21



Fonte: Blog do Grafar, o Tinta China. Publicada em 03 de maio de 2008. Autor: Augusto Bier
Disponível em: <<http://grafar.blogspot.com/2008/05/charge-bier.html>>.

Analisando os elementos da imagem, podemos identificar um casal de idosos, inclusive, com uma idade demasiadamente avançada devido à representação de uma pele bastante marcada e o uso de bengalas. O senhor é representado com uma barba muito longa, como se há muito tempo não a aparasse, enquanto a senhora aparenta ter ausência de dentes devido à representação da boca com muitas rugas. Ao lado do casal vemos a representação de um repórter, identificável pelo microfone e pela sua fala: “Vamos entrevistar Alexandre Nardoni e Anna Carolina...”. O título da charge apresenta a inscrição “Até quando?”.

Diante disso, podemos compreender que a charge retrata um repórter entrevistando o casal Nardoni, já idosos, mostrando que mesmo após ter passado vários anos do assassinato de Isabella, a imprensa continuaria insistindo no assunto. Vale lembrar que no dia 20 de abril daquele ano, ou seja, apenas duas semanas antes da publicação da charge, havia sido exibida a entrevista do casal ao programa *Fantástico*. Ou seja, os desdobramentos daquela entrevista estavam em voga quando a charge foi publicada, portanto, possivelmente, a crítica se refere justamente a essa repetição desmedida da entrevista do casal. Outros programas de televisão tentavam a todo custo uma entrevista com Alexandre e Anna Carolina. A

pergunta “Até quando?”, reforça esse pensamento, especulando sobre a questão de até quando a imprensa se prestaria a esse papel.

A crítica salienta que, embora alguns estivessem sendo coniventes com toda a repercussão, outros se incomodavam com a situação, indicando que não era necessária essa repetição em exagero. Assim, o caso Nardoni dividiu opiniões, uns queriam saber mais, outros achavam desnecessário tanta divulgação, mas, enfim, ao final, o caso ficou marcado na mente de todos como um sinônimo de sensacionalismo.

A charge analisada a seguir foi produzida pelo chargista Roberto Bessa, conhecido como Bessinha, e publicada no blog *Brasil, Mostra tua Cara*, em 18 de maio de 2008 (figura 22). Também não conseguimos identificar se tal charge havia sido publicada originalmente em outro meio de comunicação, portanto, analisaremos o contexto histórico da data em que foi publicada no blog.

FIGURA 22



Fonte: Blog *Brasil, Mostra Tua Cara*. Publicada em 18 de maio de 2008. Autor: Bessinha

Disponível em: <http://brasilmostratuacara.blogspot.com/2008/05/charge-online-do-bessinha_18.html>.

Uma semana antes, no dia 11 de maio, a mãe de Isabella, Ana Carolina Oliveira, havia concedido uma entrevista exclusiva para o programa *Fantástico* dando suas declarações sobre o caso e sua análise sobre a tão repercutida entrevista do casal Nardoni para o mesmo programa. Ana Carolina afirmou que não se sentiu convencida pela fala do casal e que, no julgamento, estaria ao lado da acusação. Essa entrevista fez ainda mais alvoroço na mídia já que, pela primeira

vez, a mãe de Isabella afirmava ter dúvidas quanto à inocência de Alexandre e de Anna Carolina Jatobá. Assim, a especulação da mídia se tornou ainda maior.

Na imagem podemos verificar um repórter e um cinegrafista no alto de um prédio. A câmera do cinegrafista está apontada para o prédio à frente. No aparelho lê-se TV PIG. A imagem dos profissionais aparenta ser de pessoas com idades avançadas, devido o uso de bengala e as bocas marcadas com rugas. Além disso, teias de aranha são visíveis, demonstrando que ambos estão naquele local há muito tempo. O repórter emite a seguinte fala: “E o caso Isabella completa hoje 30 anos... e nossa equipe de reportagem continua de plantão aqui em frente o prédio dos Nardoni!!! Com imagens exclusi... E atenção, atenção: acaba de sair uma pessoa do prédio...”. No título da charge lemos “A imprensa nossa de cada dia”.

Com isso, podemos perceber que essa charge possui uma questão bastante semelhante com a anterior. Nela, é possível identificar que se trata de uma crítica em relação ao exagero da abordagem da imprensa. Mesmo após trinta anos, os repórteres continuam de plantão, imóveis no mesmo lugar, para captar imagens da família Nardoni.

Essa charge também poderia estar inserida nas categorias anteriores, pois podemos considerar que a atitude dos repórteres se assemelha com um BBB, registrando imagens ao vivo da “casa mais vigiada do país”. Além disso, também poderia retratar a exploração exagerada, repetindo inúmeras vezes as notícias sobre o caso. Porém, optamos por inseri-la aqui, pois consideramos que ela realiza uma crítica que aponta para o incômodo que tal situação provoca. O fato de os repórteres estarem há trinta anos à espreita por informações do Caso Isabella Nardoni é tão absurdo que indica que o público já estava incomodado com tamanha especulação. Além disso, a inscrição “TV PIG” (Partido da Imprensa Golpista), inserida na câmera, é um termo utilizado para indicar uma imprensa com ideais conservadores e também para indicar uma imprensa tendenciosa. Portanto, ao utilizar essa referência na charge, percebemos o reforço da crítica de que naquele momento a imprensa estava tendo a desaprovação do público em relação à sua atitude com o Caso Isabella Nardoni. A população considerava que a imprensa já não possuía mais critérios de informação, especulando aquilo que era mais conveniente.

A última charge a ser analisada também foi produzida por Roberto Bessa, o Bessinha, e foi publicada no blog *Hélio Jampa* em 19 de abril de 2008. Não foi possível identificar se houve outro local e outra data para a publicação da charge,

portanto, analisaremos o contexto do dia da publicação no blog (figura 23). No dia 18 de abril de 2008 Isabella Nardoni completaria seis anos; entretanto, o dia não foi respeitado como um momento de luto para a família. No mesmo dia, o casal foi intimado a depor e a interrogação durou cerca de oito horas. Além disso, a mãe de Isabella, ao realizar uma visita no túmulo da filha, foi interrogada por diversos jornalistas; porém ela preferiu manter silêncio naquele momento, afinal, deveria ser um dia muito importante para a família, mas que se tornou um momento de muita dor.

FIGURA 23



Fonte: *Blog do Hélio Jampa*. Publicada em 19 de abril de 2008. Autor: Bessinha
Disponível em: <<http://heliojampa.blogspot.com/2008/04/>>.

A charge de Bessinha, publicada naquela data, ressalta seu significado. Na imagem é possível ver a representação de um túmulo. Na lápide consta o nome de Isabella. Saindo no túmulo e representando o pensamento da menina, podemos ler no balão de diálogo a seguinte frase: “Me deixem em paz... Abutres!!!”. A crítica apresentada está relacionada ao fato de que a imprensa sensacionalista (mídia abutre) não deixava a menina em paz. Nem mesmo na data que seria o seu aniversário, os jornalistas foram capazes de respeitar o luto e os sentimentos da família. Além disso, o fato de o casal ter sido intimado a depor naquele dia, durante horas, também foi de extrema insensibilidade. Não estava em questão se Alexandre e Anna Carolina eram, de fato, culpados pela morte de Isabella. A questão retratada

era que fazê-los depor no dia que seria comemorado o aniversário da menina, trazia consequências para toda a família, afinal, aquela situação repercutia para todos os envolvidos. A mãe de Isabella não pode sentir o luto, pois poderia estar aflita com o depoimento, mesma situação dos pais de Alexandre e de Anna Carolina. Nesse sentido, a expressão “me deixem em paz, abutres”, representava um apelo não apenas da menina, que não estava tendo o seu descanso em paz, mas também de toda a sua família.

Ao final da análise dessas charges, podemos perceber que o Caso Isabella Nardoni trouxe consequências a todos os envolvidos. A repercussão e toda a especulação tornaram o caso algo banalizado. Por ter sido tantas vezes repetido e, por diversas vezes, de forma leviana, o assassinato de Isabella perdeu o seu valor e sua importância. Ao tratar do caso, a sociedade acabava se esquecendo que se referia à morte de uma criança e passava apenas a lembrar do incômodo que era ligar a televisão e ter que ouvir, novamente, toda aquela história.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa pesquisa e da produção das análises, percebemos que a sociedade do espetáculo há muito vem influenciando a forma como nossa sociedade vem baseando as relações sociais e, conseqüentemente, transformando o modo de agir dos meios de comunicação. Com o passar do tempo, a vida social vem perdendo a sua individualidade e privacidade, tornando o cotidiano alheio um show de entretenimento. Assim, essa exposição também trouxe conseqüências na forma como a imprensa passou a noticiar as tragédias. A curiosidade em explorar o sofrimento alheio há muito vem sendo pesquisado e ainda gera discussões.

Verificamos que a exposição do assassinato da menina Isabella Nardoni em 2008, e todas as suas repercussões até o julgamento e a condenação do pai e da madrasta em 2010, não foge à regra. O caso trazia elementos típicos de um *fait divers* e, portanto, a imprensa consciente da repercussão, não hesitou em explorá-la ao seu máximo.

Quando passamos a analisar as charges sobre o caso, principalmente, aquelas que apresentam críticas em relação à atuação da mídia, constatamos que o Caso Isabella Nardoni repercutiu na sociedade de acordo com as influências geradas pelas exposições da mídia. Na primeira parte, percebemos que a imprensa brasileira tratou a questão como um grande show e que, portanto, a sociedade passou a associar aquela exposição com programas de *reality show* e de teledramaturgias. Tudo era composto pela mídia para atrair o público, gerando grande curiosidade e conquistando altos índices de audiência.

Na segunda parte, conseguimos extrair das charges analisadas a representação da hipótese do agenda *setting* utilizada pelos meios de comunicação em relação ao caso Isabella. Como pudemos perceber, o exagero em relação à exposição era conseqüência de uma reação em cadeia. A mídia trazia as informações sobre Isabella e a sociedade passava a discuti-la nas ruas que, conseqüentemente, gerava mais curiosidade, acarretando novas pautas para a mídia. Ou seja, a demanda por notícias da menina crescia e a imprensa sanava tal curiosidade e conquistava ou ampliava a audiência. Portanto, não à toa, diversos programas usavam o caso como tema para os mais diversos assuntos; até mesmo programas de fofoca usavam Isabella Nardoni como motivo pra atrair a atenção de seu público.

Além disso, a mídia também influenciou ativamente na forma como o caso passou a ser visto pela sociedade. Foi por meio da atuação da mídia que o público tinha acesso às informações sobre a morte da menina e às investigações do assassinato. Assim, quando a imprensa passou a acusar o pai e a madrasta, precocemente, a maioria do público se mostrava influenciada e moldava sua opinião de acordo com essa influência. O Caso Isabella Nardoni passou a ser comparado com o caso Escola Base, que se tornou famoso devido à interferência da mídia, trazendo graves consequências aos envolvidos. Essa interferência é uma das características da hipótese do agenda *setting*, já que é por meio da imprensa que recebemos as notícias.

Ao final, analisamos algumas charges que apresentaram como toda essa repercussão e o sensacionalismo empregado causaram desconforto em parte da população. Alguns já não queriam mais ouvir as notícias sobre o assassinato de Isabella e o caso acabou se tornando banal. Inclusive, uma das charges salienta que os telespectadores, ao ouvir notícias sobre o caso, sentiam vontade de “jogar a televisão pela janela”. Com isso, destacamos que a ação do pai foi leviana, como se ele pudesse jogar a própria filha pela janela caso estivesse impaciente e quisesse se desfazer dela. A “mídia urubu”, como foi denominada em algumas charges, tanto expôs Isabella que ela passou a ser apenas mais um produto da mídia espetacularizada.

Assim sendo, concluímos que as charges cumpriram seu papel ao representar a mídia tal qual o pensamento social da época. Ao comparamos as reflexões apresentadas no capítulo 2 com as análises das charges percebemos que as representações estavam condizentes com aquilo que se discutia na sociedade. Ou seja, a charge conseguiu captar e traduzir em imagens aquilo que a população pensava sobre o Caso Isabella Nardoni e em relação à imprensa brasileira. A associação com programas de entretenimento, a exposição exagerada, a influência evidente e a banalização foram, de fato, a forma como a sociedade enxergava a atuação da mídia.

A partir de nossas reflexões e análises compreendemos que Isabella Nardoni não é um caso isolado, mas sim um reflexo de como nossa sociedade vem lidando com a exploração do outro. Em situações de grande repercussão perdemos os limites do que é privado e do que é público e então sugamos tudo o que a mídia pode apurar e nos mostrar. E assim, transformamos em show o que não é.

REFERÊNCIAS

- ABRAMS, Jeremiah; ZWEIG, Connie. **Ao encontro da sombra**: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.
- ARBEX JR., José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. 3.ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- ARENDT, Hanna. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. 14. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BAHIA, Claudio José Amaral; ABUJAMRA, Ana Carolina Pedutti. O “descaso” da imprensa nacional à liberdade de expressão e a escorreita aplicação do devido processo legal. **Revista USCS - Direito**, ano IX, n.15, p.75-94, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_direito/article/view/857>. Acesso em: 23 out. 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARBOSA, Gustavo. RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de comunicação**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.
- BARROS FILHO, Clóvis de; PRAÇA, Sérgio. Novas perspectivas teóricas do agenda *setting*. In: BARROS FILHO, Clóvis de; CASTRO, Gisela (Org.). **Comunicação e práticas de consumo**. São Paulo: Saraiva, 2007.
- BARROS FILHO, Clóvis de. Agenda *setting* e educação. **Revista Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 5, p.27-33, jan/abr. 1996.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**: São Paulo: Perspectiva, 2007 (Coleção Debates; 24).
- BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas**: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- BRANDINI, Valéria. **Fontes primárias e secundárias**: documentos oficiais e não-oficiais. Universidade Anhembi-Morumbi. Disponível em: <http://www2.anhembi.br/html/ead01/pesq_estudo_moda/aula2.pdf>. Acesso em 28 de set. 2017.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CASOY, Ilana. **Casos de família**: arquivos Richtoffen e arquivos Nardoni. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

ENNE, Ana Lúcia Silva. O sensacionalismo como processo cultural. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v.10, n.2. p.71-84, jun./dez. 2007.

FIGUEIREDO, Daniel de Oliveira. **Humor e resistência**: as possibilidades políticas do humor nas charges do jornal *O Pasquim*, Londrina, 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

FOLHA DE S.PAULO. Menina morre após cair de prédio de SP. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 31 mar. 2008. Cotidiano.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud, obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v.XV, p.13-113.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo. **História**, Franca, v.26, n.1, p.125-132, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v26n1/a09v26n1.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2018.

GUIRADO, Maria Cecília; PETTENUCCI, Tiago. Processos de produção jornalística: o caso Isabella Nardoni. **Anais**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3057-2.pdf>>. Acesso em 23 out. 2018.

KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, v.1, n.26, p.71-85, jul. 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/20102/14422>>. Acesso em: 23 out. 2018.

KOTHE, Flávio René. **A narrativa trivial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

KOTHE, Flávio René. **O herói**. São Paulo: Ática, 1985.

KRASNIEVICZ, Luana; AITA, Pricila Aparecida; CASALI, Carolina. Domingo (nada) Legal: mapeamento do sensacionalismo em programas de auditório. **Revista Anagrama - Revista Interdisciplinar da Graduação**, ano 2, edição 2, dez.2008/fev.2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35361/38081>>. Acesso em: 23 out. 2018.

LLOSA, Mário Vargas. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MAGALHÃES, Luiz Antonio. O Caso Isabella Nardoni é uma nova Escola Base? **Observatório da Imprensa**, 2008. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensaemquestao/o_caso_isabella_nardoni_e_uma_nova_escola_base/>. Acesso em: 23 out. 2018.

MALHADAS, Daisi. **Tragédia grega: o mito em cena**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social de segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1986.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade tecnológica**. São Paulo: Scipione. 1994.

MAYER, Vicki. A vida como ela é/poder ser/ deve ser? O programa Aqui Agora e cidadania no Brasil. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.29, n.1. p.15-37, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/38/1182>>. Acesso em: 23 out. 2018.

MEMÓRIA GLOBO. **Caso Isabella Nardoni**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/caso-isabella-nardoni/sobre.htm>. Acesso em 20 out. 2018.

MENEZES, Léia Cruz de. “Isabella é uma rosa impedida de desabrochar em nosso jardim” - uma análise das expressões metafóricas na conceitualização de violência. **Revista Antares - Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, RS, v.4, n.7, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/1554>>. Acesso em 23 out. 2018.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista**. Assis: Unesp, 2005. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. **Revista Nona Arte**, São Paulo, v.1, n.1. 2012.

MIANI, Rozinaldo Antonio. A luta pela redemocratização do Brasil através da charge no jornal Movimento. In: WOITOWICZ, Karina Janz (Org.). **Recortes da mídia alternativa: histórias & memórias da comunicação no Brasil**. Ponta Grossa, PR: Editora UEPG, 2009, p.19-31.

PAGNAN, Rogério. **O pior dos crimes: a história do assassinato de Isabella Nardoni**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIANA, Andreia Gama. **A construção imagética de um crime**: análise das capas de Revista Veja sobre o Caso Isabella Nardoni. Londrina, 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RAMOS, Roberto José. Diário gaúcho: discurso e sensacionalismo. **Intexto**, Porto Alegre,RS, n.28. p.208-226, jul. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/24954/26096>>. Acesso em 23 out. 2018.

RIBEIRO, Alex. **Caso Escola Base**: os abusos da imprensa. São Paulo: Editora Ática, 2003.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá, PR: EDUEM, 2000.

SANTOS, Samir Magoya de Medeiros; SILVA, Pablo Petterson Praxedes da; SANTOS, Joseylson Fagner dos. Gabriela Pugliesi: uma análise sobre o marketing de influência na rede social Instagram. **Anais**. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Caruaru,PE, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0157-1.pdf>>. Acesso em 23 out. 2018.

SIBÍLIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão**: a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

TRAQUINA, Nelson. O paradigma do agenda-setting: redescoberta do poder do jornalismo. **Revista Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 21 / 22, Cosmos, 1995.